

revista

brasilante

ano I - nº 02 - 18 de abril de 2012



**À literatura infantil,
com amor**



**Nenhum livro para crianças deve
ser escrito para crianças.**

Fernando Pessoa



O livro que ganhei de

Cida Flores



presente na infância

Uma história infantil que mexeu comigo em minha infância foi “Iara mãe d’água”, um mito brasileiro, mas na verdade me marcou mais pelo fato de ser o meu primeiro contato com o livro. Eu era uma criança carente e este livro infantil foi presente da minha professora, da qual tenho contato até hoje.

Na época, penso eu, devia ser a mais carente da turma, pois a professora *Daysi Coelho Pezenti*, não só doou este livro infantil como todo o meu material escolar, lembro-me disso como se fosse hoje.

Atualmente, percebo o bem que qualquer um pode fazer a uma criança, com pequenos ou grandes gestos, estímulos à leitura e, para aqueles que não leem ainda, o contar das histórias infantis, estas sensações marcam uma vida.

Penso que a grande maioria dos profissionais da educação mesmo que não sejam tão valorizados em nosso país, desempenham de coração o seu papel, fazendo jus ao seu juramento e comprometimento diante de sua formatura.

A literatura no ensino fundamental como ferramenta pedagógica



Williane Soares da Costa (UFRN)

Willianesoares1@hotmail.com

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo discutir acerca do ensino de literatura no nível fundamental como ferramenta pedagógica. Pretende-se verificar o ensino nos dias atuais e mostrar como o trabalho do professor em sala pode contribuir para as aulas de literaturas serem mais proveitosas. Mostrar como a literatura pode ser uma importante ferramenta pedagógica para despertar no aluno o prazer da leitura e, desenvolver habilidades e conhecimentos, tornando-o um cidadão crítico e reflexivo. Mostrar também que a leitura é a ferramenta primordial para o desenvolvimento do aluno em sala e a importância da literatura para o ensino fundamental. A literatura torna-se importante porque desenvolve a capacidade psíquica de quem lê, trazendo maturidade. Conduz a criança ao desenvolvimento do seu intelecto, da personalidade, satisfazendo suas necessidades e aumentando sua capacidade crítica.

ABSTRACT:

This article aims to discuss about the teaching of literature at the fundamental level as a pedagogical tool. It is intended to check the school today and show how the work of the teacher in the classroom can contribute to the classes of literature are more profitable. Show how literature can be an important educational tool to awaken the student's enjoyment and develop skills and knowledge, making it a critical and reflective citizen. Also show that reading is the primary tool for the development of the student in the classroom and the importance of literature for the elementary school. The literature becomes important because it develops the psychic ability of the reader, bringing maturity. Leads the child to develop their intellect, personality, satisfying their needs and increasing their critical capacity.

PALAVRAS CHAVE:

Literatura, ensino, aluno.

INTRODUÇÃO:

Nos dias atuais, somos bombardeados por informações que estão a nossa volta. São propagandas, informativos, homenagens e etc. Somos obrigados a ler tudo isso sem nos darmos conta. Nem tão pouco, temos tempo de refletirmos sobre o que lemos. Ora uma das "vantagens" da literatura é fazermos pensar sobre o que lemos. Por muitas vezes nos perguntamos neste embaralhado de leituras e informações somos leitores proficientes?

A leitura não é apenas na decodificação do signo lingüístico, como diria Saussure. Muitos professores acham que os alunos devem ler e ler qualquer coisa basta. Na sociedade em que o consumir é mais importante pensar não se faz necessário, necessário é consumir. Para que o aluno desenvolva seus conhecimentos e habilidades é preciso objetivos claros e material suficiente. A leitura precisa ser trabalhada de acordo com o gênero utilizado.

A LEITURA E A LITERATURA:

Segundo Antunes (2003) "o trabalho com a leitura ainda esta centrado em habilidades mecânicas de decodificação da escrita, muitas vezes sem reflexão, sem dialogo com o texto." Quando usamos a literatura o fazemos com a intenção meramente avaliativa.

Devemos sempre lembrar aos nossos alunos que "a leitura é um processo de interlocução entre leitor /autor mediado pelo texto (...). O leitor não é passivo, mas agente que busca significações." (Geraldi, 2004, p.91) Ler é viver a arte, sentir emoções. Estar em um mundo que não é o seu, mas experimentar novos costumes e vivenciar épocas distintas que a sua. Conviver com animais e brincar com o imaginário.

Para Kleiman (2004) existem duas concepções de texto e de leitura que existem ainda hoje no ambiente escolar. Ora o texto é visto como repositório de informações ou é visto como conjunto de elementos gramaticais.

Quanto ao texto literário, percebemos a inquietação de muitos alunos em interpretar a linguagem presente nos textos. Isso reflete a falta de conhecimento da natureza do texto literário. Diante dessa realidade, não há interação entre aluno e o texto. Muitas vezes o não entendimento da linguagem leva o aluno a distanciar-se do texto e aceitar a interpretação do professor sem dialogar com o mesmo.

Se analisarmos a trajetória do ensino de literatura percebe-se que sempre estava ligada aos interesses de grupos dominantes e a cada época com sua respectiva filosofia, era ensinada

de maneira a corresponder a determinados objetivos. Segundo Zilberman & Silva (1990), a literatura perdeu o caráter educativo que possuía na Antiguidade e vive uma crise no seu ensino, no que diz respeito a finalidades e objetivos.

Para os gregos, literatura era sinônimo de poesia. Sua origem estava nos mitos e com isso herdou seu caráter pedagógico. Com o passar do tempo, foram incluídos novos gêneros: a tragédia, o drama e o romance. Isso dificultou a delimitação atual de classificar o que é literatura. Mesmo assim, até o século XVIII a literatura era vista como educativa.

Com o surgimento das escolas modernas passou a ser estudo obrigatório ao invés de facultativo. A partir daí, foram criados graus e níveis do ensino passando a fazer parte à passagem de estágios da aprendizagem e as avaliações para as mudanças de estágios.

Primeiramente, privilegiou o ensino da cultura clássica e foi usado como modelo para o estudo das línguas grega e latina. Em segundo, com a revolução francesa a língua oficial foi consagrada como sendo a língua dos poetas o que desprezou a linguagem popular e regional.

No Brasil, em 1970 surgia o ensino profissionalizante e a escola passou a ser vista como formadora de mão-de-obra para o mercado em grande expansão. O aluno lia para atender a esse mercado que visava meios rápidos e fáceis de aprendizagem. Diante desta situação, fica fácil compreender porque hoje a falta de familiaridade se faz presente nos alunos e professores.

É necessário desvinculá-la dessa pedagogia importada de realidades estrangeiras que oferecem receitas e modelos de leitura espelhada em determinadas classes sociais. A literatura tem em seu caráter a educação por excelência, porque trazem valores, crenças, ideias, ponto de vista de seus autores e que podem enriquecer a vida daqueles que leem.

Dependendo da forma com que é trabalhada em sala, a literatura pode ser tudo ou nada. Tudo se conseguir unir sensibilidade e conhecimento, nada se seguir cegamente os passos de uma pedagogia tradicional e burguesa.

Para Kleiman (2004), é preciso ter objetivos para a aula de leitura e quanto ao conteúdo do texto a ser lido. O importante é que cada aluno perceba que para cada tipo de texto e principalmente para o texto literário, ele precisa utilizar estratégias diferentes para a leitura e compreensão dos textos.

Para Geraldi (2004), o sucesso para incentivar a leitura estaria na recuperação do prazer de ler dentro da escola. Já para Barthes (2002) o prazer é subjetivo. Não podemos classificar o texto como bom ou não apenas pelo prazer que ele pode causar no leitor. Uma vez que o prazer é pessoal. O professor precisa propiciar ao aluno o maior número de leituras possíveis para que a partir daí ele escolha qual lhe dará o maior prazer.

Zilberman (1993, pag.17) afirma:

"a escola pode ou não ficar no meio do caminho, o que quer dizer: dar oportunidade para que a sua tarefa se cumpra de modo global, transformando o indivíduo habilitado à leitura em um leitor, ou não, o que pode reverter no seu contrário."

Trabalhar com o texto literário em sala é permitir aos alunos:

[...] suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir um mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... (Abramovich, 1994, p. 17)

A literatura permite ir além de nossa capacidade física e mental como podemos observar no seguinte trecho:

"A literatura, como qualquer arte, vai além da informação. Conduz a criança ao desenvolvimento do seu intelecto, da personalidade, satisfazendo suas necessidades e aumentando sua capacidade crítica. Esta literatura, como já foi expressa, tem o poder de estimular e/ou suscitar o imaginário, de responder as dúvidas do indivíduo em relação a tantas perguntas, de encontrar novas ideias para solucionar questões e instigar a curiosidade do leitor. Nesse processo, ouvir histórias tem uma importância que vai além do prazer. É através de um conto e/ou de uma história, que a criança pode conhecer coisas novas, para que efetivamente sejam iniciados a construção da linguagem, da oralidade, ideias, valores e sentimentos, os quais ajudarão na sua formação pessoal." (SILVA,2010)

A LITERATURA COMO RECURSO PEDAGÓGICO:

A utilização da literatura como recurso pedagógico pode ser enriquecida e potencializada pela qualidade das intervenções do educador. Trata-se de operacionalizar espaços na escola e na sala de aula onde a leitura geradora de prazer possa ser vivenciada pelas crianças e jovens.

O professor como leitor mais experiente deve ensinar aos seus alunos estratégias de leitura. Solé (1998) nos mostra algumas estratégias antes da leitura: a motivação, o conhecimento prévio, o estabelecimento de previsões sobre o texto, a promoção de perguntas aos alunos sobre o texto; durante a leitura: tarefa de leitura compartilhada, leitura independente, erros e lacunas de compreensão (o professor como aquele que poderá resolver esse problema); depois da leitura: a promoção de perguntas que encaminhem uma discussão sobre o texto lido, a reflexão e a avaliação da leitura.

Muitos alunos não gostam de literatura porque ainda não despertaram o gosto, o prazer ao ler um texto literário à sensibilidade dos alunos precisa ser despertado desde as séries iniciais. De início, ouvir e contar história, ler e reler bem como produzir novas versões. Ora, só formaremos bons leitores se também formos leitores assíduos de literatura.

Literatura no ensino fundamental deve ser sinônimo de prazer. É preciso sentir prazer ao contar e ao ler uma história para os alunos. E jamais ler um texto do qual não tenha gostado, somente porque ele está no livro didático. O professor precisa ler para os seus alunos, seja em rodas de leitura ou outros, mas ler pode trazer ao professor a sensibilidade de perceber o universo que seu aluno está inserido e assim contribuir para que essa leitura realmente faça sentido para seus educandos.

Nos anos iniciais, os professores devem se preocupar com o despertar do gosto, com a promoção do hábito de leitura de textos literários e, aos poucos, ir apurando o olhar dos alunos para o seu valor estético.

Nós, professores de Língua Portuguesa, devemos nos preocupar em promover a leitura. Em habilitar os nossos alunos para a leitura dos mais diferentes gêneros. No entanto, é preciso que tenhamos um olhar especial para a literatura, visto que, embora ela, por si mesma, não seja capaz de transformar a sociedade, abre caminhos, para que quem a leia faça, uma vez que promove a reflexão sobre a realidade, sobre o ser no mundo.

Assim poderemos despertar em nossos educandos o letramento literário que é essa capacidade de apreciar o mundo por meio da literatura: conhecer a história, descobrir o valor da literatura e o que ela propicia aos seus alunos.

CONCLUSÃO:

Para se conseguir que o aluno se torne um leitor crítico, o ensino deve colocar o texto como uma possibilidade de reflexão e recriação, associando a atividade de leitura à produção de outros textos pelos alunos e facilitando a expressão de suas visões sobre o texto.

Para criar e inovar o professor precisa investir em sua formação continuada e em uma constante atualização. O texto literário deve ser só discutido e analisado por professores e alunos é numa relação de diálogo, trocas e respeito à fala e à voz do aluno, bem como às suas leituras anteriores que o saber será construído.

A Literatura, como toda arte, é a expressão do próprio homem. Como expressão humana, conduz ao autoconhecimento e por sua natureza ficcional, à imaginação. Num mundo tão conturbado como o nosso, a literatura é o espaço da criação, da liberdade de pensar, retirando a criatura da escravidão de pensamentos, da passividade própria de uma sociedade dominadora. Ela desenvolve a criatividade humana, leva a refletir sobre o indivíduo e a sociedade.

Ao adentrar em um conto de fadas a criança vivencia mundo, experiência sentimentos aos quais não seria permitida na vida real. Assim, essa criança por ter vivenciado essas experiências, provavelmente conseguirá lidar de maneira mais "madura" quando de fato ocorrer.

A literatura está ligada à vida, uma vez que possibilita ao seu leitor a transcendência de valores, experiências e ações. Literatura é também sinônimo de relaxamento. Ora, é possível relaxar, se divertir e pensar. Ao mesmo tempo em que o leitor rir, se diverte, ele aprende sobre a vida, sobre suas possibilidades. A literatura seja ela considerada canônica ou não, nos permite, sim, o divertimento. E isso faz parte da vida. É uma necessidade humana.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. 4 ed. São Paulo: Scipione, 1994. p. 17.

ANTUNES, Irandé. Aula de Português: Encontro e Interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BARTHES, Roland. O Prazer do Texto. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GERALDI, Wanderley João (org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2004.

_____. A literatura infantil na escola. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/6/07.htm>, acesso em 10/02/2012

http://www.escolafatima.g12.br/revista/index.php?option=com_content&view=article&id=108:a-importancia-da-literatura-na-aprendizagem&catid=51:projetos-escolares&Itemid=75, acesso em 12/02/2012.

KLEIMAN, Ângela B. Leitura: Ensino e pesquisa. São Paulo: Pontes, 2004^a.

_____. Oficina de leitura: Teoria e Prática. São Paulo: Pontes, 2004b.

SILVA, Ezequiel T. da. Elementos de uma Pedagogia da Leitura. São Paulo: Martins Fontes, 2003a

_____. Leitura na Escola e na Biblioteca. São Paulo: Papyrus, 2003b.

SILVA, F.C. CLÁSSICOS DA LITERATURA UNIVERSAL: A IMPORTÂNCIA DE LÊ-LOS NO ENSINO FUNDAMENTAL. In: ENCONTRO DAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM APLICADAS AO ENSINO, 5., 2010. Natal. *Anais...* Natal: Parábola, 2010.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de Leitura. Trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In: Leitura em crise na escola. 11 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p.17

ZILBERMAN & SILVA. Literatura e Pedagogia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.





Meu livro infantil

Rosa Regis

Livro infantil predileto?!

Não tive livro infantil!

Não tinha como comprá-los.

Mas... lembro o “NOSSO AMIGUINHO”

Que eu ganhei de uma amiga,

Não um só, mas vários deles.

Deles ou delas?

Era uma revistinha

Que tinha quebra-cabeça;

Tinha carta enigmática;

Tinha palavras cruzadas...

Era mesmo uma beleza!

Com elas me divertia,

Aprendia coisas novas...

Por que não existem mais?...

Quanta saudade que

Da infância que se

Dos livros que eu

Pois não podia com

Isabel, aquela jove

Que eu jamais esq

Emprestava-me re

Já lidas, às quais e

Com um prazer de

Sou-lhe eterna agr

Ela alegrou minha

Minha infância se

E eu passava o dia

Lendo, lendo,... Se

Acho que exagere

o livro predileto

que eu sinto

que foi,

que nunca li

comprar!

em

que ueci

de vistas

que u lia

que smedido.

que adecida!

que vida,

que m dinheiro,

que i inteiro

que em parar.

que i...

Porque havia momentos

Com alguns entretenimentos...

Mas ler era o principal.

Lembro as histórias de príncipes,

De princesas encantadas;

De jovens enamorados

Que ativava os sentimentos

Daquela menina pobre

Que “curtiu” a sua infância

Mas tendo sempre do lado

Algo pra ler e sonhar...

Rosa Regis

rosadocordel@hotmail.com

Natal/RN – 02.04.2012





Dia do Índio

Alzenir Araújo Santos

araujosantos.alzenir@gmail.com

No mês de abril o calendário escolar está recheado de datas comemorativas. Por exemplo, no dia 19 de abril, comemora-se o Dia do Índio. Você já parou para pensar por que este dia é dedicado ao índio?

Esta data foi criada em 1943 pelo presidente Getúlio Vargas, através do decreto-lei número 5.540. E por que precisamente no dia 19 de abril?

Em **1940** foi realizado no México, o **Primeiro Congresso Indigenista Interamericano**, com a participação de autoridades governamentais e líderes indígenas dos países da América. Contudo, em virtude das perseguições, agressões e extermínios realizados pelos “homens brancos” durante séculos, os povos indígenas decidiram não enviar representantes neste primeiro encontro. Somente após algumas reuniões e reflexões, diversos líderes indígenas resolveram participar. Este encontro histórico ocorreu no dia 19 de abril, que depois foi escolhido, no continente americano, como o Dia do Índio.

Longe de ser apenas um momento onde as crianças saem das escolas fantasiadas e pintadas como se fossem “índios”, este é um momento riquíssimo para a escola provocar uma reflexão sobre a importância do respeito aos povos indígenas, da preservação e manutenção de suas terras e manifestações culturais.

Muitos ainda desconhecem a existência da lei 11.645, que obriga o estudo da história e cultura indígenas em todas as escolas nacionais de Ensino Fundamental e Médio, desde 2008.

É necessário que os educadores participem de cursos que os capacitem para abordarem esta temática sem estereótipos.

O mês de abril possui quatro datas comemorativas que dizem respeito à leitura e ao livro:

02 · Dia Internacional do Livro Infantil

18 · Dia Nacional do Livro Infantil

18 · Dia de Monteiro Lobato

23 · Dia Mundial do Livro e do Direito do Autor

Assim, por que não aproveitar e envolver a comunidade escolar numa gostosa viagem pelo universo literário cujos autores são legítimos representantes da cultura indígena?

A literatura infanto-juvenil indígena retrata o pensamento e o modo de vida daqueles que foram os primeiros habitantes de nosso país: o respeito à natureza, a religiosidade, os costumes, os mitos e as línguas que falam. São narrativas que possibilitam, através de uma linguagem simples, uma reflexão mais profunda sobre as várias etnias destes povos tão valorosos que contribuíram lindamente para a formação de nossa identidade cultural.

Depois de pesquisar um pouco, descobri dois livros que são muito oportunos para iniciar as mediações de leituras junto às crianças e aos jovens de nossas escolas sobre o universo da cultura indígena.

Kabá Darebu.

Daniel Munduruku. Il. Maté.

São Paulo: Brinque-Book, 2002.

Kabá Darebu é um menino índio que nos conta, com sabedoria e poesia, o jeito de ser de sua gente, os munduruku.

<http://danielmunduruku.blogspot.com.br/>

Tekoa – Conhecendo uma aldeia indígena.

Olívio Jekupé. Il. Maurício Negro.

São Paulo: Global, 2011.

Carlos, um menino da cidade, tinha um grande sonho: visitar uma aldeia indígena no período das férias escolares. Embalado pela prosa graciosa do escritor indígena Olívio Jekupé, o leitor acompanhará a experiência do menino Carlos pela Aldeia Tekoa.

<http://oliviojekupe.blogspot.com.br/>

Conheça ainda outros sites de autores indígenas:

<http://www.elianepotiguara.org.br/>

<http://ggrauna.blogspot.com.br/>

Conheça a arte indígena através do belíssimo site:

<http://www.amoakonoya.com.br/index.php>

“Xipat Oboré” (Tudo de Bom!)



O ensino de literatura para o universo infantil - uma questão de imaginação

Vitória Marina Mendanha de Oliveira*

Introdução

O universo infantil é terreno de sonhos despidos de racionalidade, portanto, deve ser tratado com inúmero zelo. Então, o professor deve escolher, meticulosamente, o aparato teórico que irá trabalhar com seus alunos do ensino fundamental, de forma a lhes proporcionar as condições necessárias para o desenvolvimento da sua capacidade de interação com o mundo, fazendo-os enxergar e decodificar textos verbais e não-verbais que orbitam a sua volta.

A semiótica será a principal amiga do instrutor linguístico e de seus discentes, pois é através do estudo dos signos e suas interpretações, em geral, que o professor irá descortinar os significados, apresentando o mundo e sua gama de vozes, os elementos que corroboram para a construção do ser e das sensações que são percebidas por meio dos sentidos.

Este artigo possui a finalidade de apresentar outro olhar, uma proposta de ensino que elucide questões filosófico-culturais, referenciando o ser enquanto indivíduo, munido de sensações e expressões e sua representação na sociedade. Condicionar a criança a um processo de letramento ainda mais significativo.

O desenvolvimento da cabecinha de uma criança

Segundo Piaget (apud, FURTADO, et. AL, 1999) que obteve, através de pesquisas empíricas, resultados satisfatórios sobre os estágios de desenvolvimento da cognição humana, existem quatro etapas até que o indivíduo atinja a fase adulta:

Estágio sensório-motor (do nascimento aos dois anos) - a criança desenvolve um conjunto de "esquemas de ação" sobre o objeto, que lhe permitem construir um conhecimento físico da realidade. Nesta etapa desenvolve o conceito de permanência do objeto, constrói esquemas sensório-motores e é capaz de fazer imitações, iniciando a construir representações mentais.

Estágio pré-operatório (dos dois aos sete anos) - a criança inicia a construção da relação de causa e efeito, bem como das simbolizações. É a chamada idade dos porquês e do faz-de-conta.

Estágio operatório-concreto (dos sete aos 12 anos) - a criança começa a construir conceitos através de estruturas lógicas, consolida a observação de quantidade e constrói o conceito de número. Seu pensamento, apesar de lógico, ainda está centrado nos conceitos do mundo físico, onde abstrações lógico-matemáticas são incipientes.

Estágio operatório-formal (dos onze aos dezesseis anos) - fase em que o adolescente constrói o pensamento proposicional, conseguindo ter em conta as hipóteses possíveis, os diferentes pontos de vista, e sendo capaz de pensar cientificamente.

Logo, crianças com uma idade entre 06-12 anos estarão entre os estágios pré-operatório e operatório-concreto, significando que farão o uso mais preciso da linguagem, como mecanismo de interação com o outro, manifestando, assim, suas reações e impressões sobre tudo e todos.

No estado pré-operatório, de acordo com Coll e Gilliéron (1987), "não se pode atribuir à linguagem a origem da lógica, que constitui o núcleo do pensamento racional", portanto, o uso conotativo das palavras, conceitos metafísicos, deverão ser tateados, com cuidado, porque a área cerebral destinada ao processamento lógico ainda está em desenvolvimento, sendo muito raro a compreensão por parte do aluno.

È nesse momento que o professor deve assumir a postura de cientista, navegador, palhaço, artista, fazendo experimentos, descobertas, dinamizando, provocando o riso, para que, através do empirismo, o aluno possa assimilar e acomodar os conhecimentos literários.

No estado operatório-concreto, o centro cerebral de processamento lógico está um pouco mais desenvolvido sendo propício ao professor elucidar questões que não precisem do toque para se processar, por exemplo, o ato de reflexão sobre uma tragédia que ocorreu com um coleguinha de sala de aula, levando à sua morte, os demais alunos, mesmo não tendo visto a experiência fúnebre do outro colega, compreenderão que ele não voltará mais.

A observação da condição infantil, tal qual o nível de maturidade, ações, capacidade de atenção, e, se possível, a esfera social em que a criança está envolvida, estes são elementos que favorecerão a escolha certa para tratamento de cada indivíduo.

A semiótica

Na introdução, foi citado que "A semiótica será a principal amiga do instrutor linguístico e de seus discentes", é fato, posto que, a semiótica é a ciência que leva em

conta o signo, estudando todos os fenômenos culturais, filosóficos, sociais que contribuem para que o signo recebesse o significado.

“Ao contrário da linguística, a semiótica não reduz suas pesquisas ao campo verbal, expandindo-o para qualquer sistema de signos – Artes visuais, Música, Fotografia, Cinema, Moda, Gestos, Religião, entre outros.”

(Santana, Revista Brasil Info Escola, 2008).

Segundo Pierce, o processo de aquisição do significado acontece através de três etapas: A primeira, com a observação do objeto em questão, depois a relação que é estabelecida com o mesmo, e, finalmente, a impressão que o objeto provocou.

Assim, sendo, ao apresentar a criança “as coisas” e seus significados, as cenas enunciativas, objetos e palavras; deve-se, primordialmente, estabelecer a relação com os sentidos do corpo humano, a visão, audição, olfato (observação); O tato, (relação) e o paladar (impressão) para facilitar sua compreensão. É instigar ao aluno a ler não somente o que se encontra no papel, ensinar que o mundo é um livro aberto e que o letramento vai além da grafia, ensiná-lo a ler uma cara feia, ou uma expressão de felicidade, um rosto apático, um sinal de silêncio, ensiná-lo que tudo no universo existe com um propósito enunciativo.

Uma nova proposta educacional

Ser professor não é uma tarefa fácil, principalmente, quando se leciona em escola pública, porém, ser senhor na arte da criatividade não requer muitos recursos, pois o principal já está presente, o cérebro.

O imaginário é a melhor forma para apresentar conceitos reais a quem sabe tão pouco do mundo. Como explicar o posicionamento do indivíduo como cidadão em uma determinada sociedade e as conseqüentes diferenças sociais e sentimentos para uma criança de 07 anos? Contos de Fadas! Eles não existem por acaso! Foram baseados em histórias que servem para fundamentar conceitos abstratos como: inveja, racismo, amor, cumplicidade, entre tantos outros.

Ícones como: Os irmãos Grimm e Charles Peralta, immortalizaram histórias que, anteriormente, eram passadas de geração em geração por meio da oralidade. No entanto, com o advento da revolução industrial, e o conseqüente avanço tecnológico, a sociedade passou a valorizar, portanto, o visual em detrimento do escrito, assim megaproduções visuais foram criadas para entretenimento, criando-se adaptações aos contos mais famosos: Chapeuzinho vermelho, A Bela e a fera, Cinderela, A Bela adormecida, O Gato de Botas, O Pequeno Polegar, Barba azul, Pele de Asno, Branca de Neve, Rapunzel, João e Maria, entre outros.

Expor na sala de aula a história de uma princesa que foi expulsa do castelo sob sentença de morte, pelo simples motivo de ser considerada mais bonita do que sua madrasta; ou de um príncipe que foi amaldiçoado por uma bruxa que o amava e esse amor não correspondido gerou o aprisionamento do belo príncipe em um corpo de Fera; Ora, ainda um assunto mais delicado como incesto, como no conto Pele de Asno, em que o pai deseja a filha, a ponto de querer casar-se com ela. São formas de apontar problemas sociais que estão em vigência desde que o mundo é mundo e que não perderam seu peso na atualidade.

Portanto, a literatura possui a capacidade de apresentar valores, situar o ser, e o magnífico disso tudo é que ela pode ser apoiada ao teatro, as artes visuais, as vestimentas, apresentar o conceito de indivíduo / cidadão para criança. E cabe ao maestro, professor, proporcionar a composição da sinfonia mais significativa que é o aprendizado.

Referências Bibliográficas

KOCH, Inger Grunfeld Villaça. A inter-ação pela linguagem/ Ingedore Koch. 4ª ed. - São Paulo: Contexto, 1998 - (Repensando a língua portuguesa).

COLL, C.; GILLIÈRON. C. *Jean Piaget: o desenvolvimento da inteligência e a construção do pensamento racional*. In, LEITE, L.B. (org) *Piaget e a Escola de Genebra*. São Paulo: Cortez, 1987. p. 15-49

FURTADO, O.; BOCK, A.M.B; TEIXEIRA, M.L.T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 1999

SANTANA, Ana Lúcia. Semiótica. Info Escola.2008.Acesso: 10/02/2012.Disponível em: <http://www.infoescola.com/filosofia/semiotica/>

CAMPELO, C. R. Cal(e)idoscorpos: um estudo semiótico do corpo e seus códigos. São Paulo:ANNABLUME,1996. 164 p.

*Vitória Marina Mendanha de Oliveira

Graduanda em Letras- UFRN

Antes de tudo, porém, esclareçamos que o nosso Poeta não podia aceitar, incondicionalmente, estas doutrinas. Como o imenso que pesava sobre a Europa o avanço trágico dos Maometanos não podia conter nos limites do orgulho de quanto ficava o Muçulmano «ilustre Lusitano». Sentia — a resto — a obrigação de lutar, com a espada; e, ora em reprimenda ora pela ironia superior, criava parecia mal — desde os vícios (sede do ouro) até o indigno desinteresse pelos artistas próprios Reis ¹¹, a política europeus: o «duro Inglês», «miseros Cristãos» que haviam em Nápoles, esquecidos do perigo que ameaçava: o Turco ¹².

«Os Lusíadas», premissa ríssima e alta, não pudera ser o âmago, pelo imperativo da época, mas acusam de maneira agudíssima das grandes épocas — que, em geral, são as das que haviam orientado a civilização.

Analisemos. Primeiro, o heroísmo e na acção imortalização dos heróis ¹³, em contraste com os heróis cantados e com os heróis que é fácil reconhecer nos homens do tempo.

Em segundo lugar, o poema à sensualidade

Era um livro
bem velho
dentro de
um menino



cativos: retrato de Vénus (II, 37); atitudes desta deusa (II, 38-41) e de Júpiter (II, 42); manifestações da paixão amorosa de Adamastor por *Thetis* (V, 52, 53 e 55); retrato de Tritão (VI, 16-19); a acção das nereidas, com o objectivo de domar Prometeu (VI, 101); a atmosfera de grande parte dos seus encontros com os nautas e a sua acção. — Cf., por ex., oitavas 24,

cento ¹⁶, que existe, como vemos, na edição, todavia, por aqui. Fácil será a esta edição surpreender, à entrada de cada um dos dez cantos, o quanto os modelos clássicos, desde a traça breve sugestão que o trabalho do poeta; mais: um cuidado inexcedível antecipado e remoto cumprimento do fulcro da doutrinação parnasiana de «l'art robuste / Seul a l'éternité». ¹⁷

«conjunto de virtudes artísticas», bem como os numerosos homens do Renascimento, a fim de «imitar dos antigos a harmoniosa e equilibrada composição, a subordinada harmonia do todo, a clara simplicidade estrutural, a nítida e equilibrada perfeição das formas — dá-se o nome de **Classicismo**. ¹⁹ «Nas obras evidenciarem-se tais virtudes, a imitação e sugestões, por vezes menos evidentes nos modelos clássicos, podemos apontar: o «dramatizar e transcendentalizar a acção», «ornar, pelos latinismos, pela mitologia, pelas

Rosângela Trajano

o
nho
e
o!



Meu livro inf

Elaine Mourad

Minha irmã e eu temos personalidades completamente opostas, fogo e água, como indica nosso horóscopo, entretanto temos em comum a paixão pelas artes, sobretudo a literatura infantil, que mesmo adultas, continuamos lendo. Certa vez, ela me mostrou dois lindos livros, que havia comprado num sebo. Um, reconheci de imediato o outro, porém, demorei um pouco até me recordar. Fiz mentalmente uma viagem no tempo, repleta de cores, sons e sentimentos.

Em 1982, morávamos com a minha avó paterna e em muitos finais de semana minha mãe vinha nos buscar para ficarmos juntas.

Ela trabalhava na casa de uma senhora muito gentil, que lhe concedia o direito de nos levar para dormirmos lá, às vezes.

Não me recordo com clareza de dona Ilka, da casa do quarto ou do que fazíamos enquanto estávamos lá, contudo, lembro-me perfeitamente da minha mãe nos contando a divertida história de

uma fadinha muito sapeca ousada, que gostava de dizer e fazer tudo sempre igual de mundo parado. Clara Luz tinha muitas ideias, porém mais me encantava era a sua habilidade em transformar comportadas nuvens em bichos velozes que corriam livres pelo mundo das fadas, para desespero de sua mãe.

Creio que entre tantas idas e desencontros e desencantos seja a melhor e mais terna lembrança que tenho de minha mãe. Um momento em que ela e eu apenas nossa e se doava inteiramente em forma de palavras, ritmo, sons e olhares, como se fôssemos crianças e havia de mais importante e vida. Era uma pausa, um momento especial, em dias muito turbulentos. Depois de conhecer “A fadinha com muitas ideias”, passava boa parte da tarde, deitada no quintal observando as nuvens. Talvez eu quisesse encontrar os cavalos de Clara Luz galopando pelo céu e vê-la correndo atrás de

fantil favorito

“Relampinho” para colocá-lo num de seus bolinhos de luz, ou quem sabe quisesse apenas sentir novamente aquela sensação quente e doce de ter minha mãe por perto e guardá-la bem no fundo do peito, para que não se diluísse na poeira do tempo.

É interessante pensar que por muitos anos tudo isso tenha ficado realmente tão bem guardado em alguma fenda inconsciente, e que tenha aflorado apenas ao tocar o livro novamente. Mais interessante ainda é constatar o quanto uma história pode “ganhar” uma criança e marcá-la para sempre.

Minha irmã e eu não conversamos a este respeito, mas creio que sua escolha por este, entre tantos livros, remeta às mesmas razões. Livros infantis falam diretamente à criança que reside em nós, queiramos ou não, e neste caso em particular, “A fada que tinha idéias”, nos transporta a um momento eternizado em nossa memória, por sua doçura e riqueza de significados.

O livro permanece comigo até hoje; digamos que foi um empréstimo de longa permanência. Já li para minha filha algumas vezes, e nos divertimos imaginando a chuva

elainemourad@hotmail.com

BEN 10



DIGITAL

DIGIMON

MONSTERS

Literatura infantil e os heróis contemporâneos

Tarcimária Gomes¹

Palavras-chave: literatura infantil, heróis contemporâneos, desenvolvimento cognitivo

A influência dos heróis contemporâneos no dia-a-dia das crianças no ensino fundamental e a literatura infantil, como se dá o desenvolvimento dessa relação.

Apresentamos a seguir os resultados de uma pesquisa realizada com 28 meninas na faixa etária de 07 a 11 anos, com níveis de aprendizagem diferenciados. Ele tem como objetivo discutir a forma como as informantes interpretam a literatura infantil através dos heróis contemporâneos oriundos da mídia televisiva. É fruto de uma pesquisa descritiva realizada em duas escolas da rede privada, da cidade do Natal-RN e os dados foram coletados a partir da aplicação de questionários.

Procurava-se conhecer como as meninas se relacionavam com a literatura infantil através dos seus heróis favoritos e como estes influenciavam aspectos afetivos e emocionais, determinantes para a construção da sua identidade. Este encontro com o universo infantil permitiu-nos compreender como estas crianças interpretam esses novos personagens e como estes as influenciam nas várias dimensões psicológicas de seu comportamento, ou seja, na construção do self, na cognição social, na zona de desenvolvimento proximal e em suas relações afetivas e emocionais.

Buscaremos apresentar quem são os novos heróis e suas características principais. Atualmente, as produções veiculadas pela televisão, destinadas às crianças, estão povoadas de personagens com características ligadas à cultura japonesa e, por esta razão, expressam valores e conceitos considerados importantes por esta nação. Estes valores se contrapõem aos priorizados pelos personagens infantis produzidos pela cultura americana.

Os personagens contemporâneos tais como Pokémon, Digimon, Monster Rancher, Bem 10 (inspirado nos animes japoneses) entre outros também inspirados na cultura japonesa, transmitem como valores essenciais à importância do espírito de equipe para vencerem as dificuldades encontradas. São enaltecidos os conceitos de responsabilidade, cooperação e solidariedade. Os heróis pautados na cultura americana mantêm oposições entre homem/mulher,

¹ Pedagoga, professora do IFRN e estudante do curso de Letras-Francês

adulto/criança, onde o herói - um homem - como, por exemplo, Super-Homem, Homem Aranha, X-Man e etc, e todos são adultos. Além destas características, do princípio da dualidade e do universo adulto, constatamos a valorização pela iniciativa individualizadora.

A partir da proposta de uma pesquisa sobre temas ligados ao universo infantil, trabalhamos o papel lúdico da escola e, como subtema priorizamos abordar o papel que os heróis contemporâneos adquirem no cotidiano escolar.

Assim, desenvolveremos nosso estudo buscando entender os seguintes questionamentos: Quais as influências trazidas pelos super-heróis ou personagens infantis no que diz respeito aos aspectos do desenvolvimento cognitivo, emocional e raciocínio relacionando estes à vivência das crianças no espaço de sala de aula; A inter-relação entre a fantasia e a realidade no imaginário infantil; A visão dos educadores frente ao papel que os heróis infantis exercem sobre a criança.

ANÁLISE DOS DADOS

Partindo do pressuposto de que os personagens das histórias infantis e dos desenhos animados da televisão influenciam a formação da personalidade e o comportamento das crianças, buscaremos estabelecer a correlação entre o resultado dos questionários e a fundamentação teórica que está na base dessa pesquisa.

Por que crianças, principalmente de 1ª a 5ª série, têm a capacidade de ficarem tão concentradas, quietas e em um estado de extremo interesse quando vêem um desenho animado ou alguém lhes conta uma história? Como indaga AMARILHA (1997, p.18), "que poder é esse capaz de controlar seres tão dinâmicos como inquietos?" Primeira resposta a ser dada é a própria estrutura desses momentos, que proporcionam à criança um tipo de envolvimento emocional, começando pelo ponto mais visível que é a identificação com os personagens, nesse sentido, a criança se projeta na trama e passa a viver um jogo de ficção. A outra, seria a observação de que as historinhas e os desenhos possuem uma estrutura que se liga com as expectativas plantadas nas crianças e tentam corresponder a um mínimo dessa ansiedade, isto é, tentam dizer algo para o receptor (criança).

Essa estrutura que proporciona momentos de envolvimento atinge a criança nos aspectos emotivo e cognitivo. Explicando melhor como isso ocorre, a criança ao se deparar com a história, envolve-se em situações diferentes daquelas que experimenta no seu dia a dia, ou seja, no mundo real, e esse envolvimento que abrange os lados intelectual, imaginativo e emocional, que faz com que os 'pequenos' experimentem fatos, sentimentos, prazer ou frustrações, podendo com isso lembrar, antecipar e principalmente conhecer algumas das inúmeras possibilidades da vida do adulto.

E é confirmado por AMARILHA (2000, p.19), "pelo processo de "viver" temporariamente os conflitos, angústias e alegrias dos personagens da história, o receptor multiplica as suas próprias alternativas de experiência do mundo, sem que com isso corra algum risco." Então, os personagens que compõem as histórias podem 'emprestar' à criança um pouco de sua grandeza e magia fazendo com que esta vislumbre outras formas de ver e viver o seu mundo, de tentar antecipar e desenvolver ações e imaginar o que elas poderiam significar e, tudo isso, uma simples existência não teria a possibilidade de experimentar.

Todas essas características são de fundamental importância para a criança cuja percepção está em desenvolvimento, contribuindo então para organizar o impacto fragmentado e caótico da experiência de mundo que seus limites de criança impõem.

Segundo os estágios de desenvolvimento descritos por Piaget, as crianças de 02 e 07 anos encontram-se no estágio pré-operacional. Elas têm como características os seguintes elementos: o estágio da inteligência intuitiva, dos sentimentos individuais espontâneos e das relações sociais de submissão ao adulto. Tomamos como referência estes elementos para podermos compreender o mundo imaginário destas crianças e interpretar sua linguagem escrita (reflexo).

As crianças responderam às perguntas: "Quais dessas histórias você conhece? Qual você gosta mais? Por quê?", após a citação dos nomes das seguintes histórias: "Os Três Porquinhos, Branca de Neve, Os Três Mosqueteiros, Cinderela, A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, O Patinho Feio, Alice no País das Maravilhas, Pinóchio e O Gato de Botas."

Destacamos recorte da resposta para ilustrarmos e em seguida refletimos sobre elas: "Porque é legal!" (K., 7 anos, 2ª série). Segundo BEE (1996), este modelo de resposta é freqüente em crianças pequenas, ou seja, até os 07 anos. Elas utilizam termos internos ou avaliativos para descrever as pessoas e conseqüentemente, os personagens. Há a tendência de usar termos globais. Para estas crianças os conceitos não são duradouros ou gerais do indivíduo pois, elas ainda não desenvolveram o conceito de "conservação da personalidade". Estas crianças expressam seu pensamento através da intuição. Elas afirmam, sem haver preocupação em demonstrar o porquê de sua tese. O mundo para elas está dividido entre o bem e o mal, e não há reflexão sobre o motivo de um comportamento ou outro.

Na idade escolar, a criança desenvolve um senso global de seu autovalor. Ela elabora seu autoconceito construído através dos padrões que a sociedade coloca como ideal.

As meninas dizem gostar mais da história da Cinderela, Alice no País das Maravilhas e Bela Adormecida. Tal preferência pode ser entendida conforme estudos realizados por Aletha Huston e seus colegas, citados por BEE (1996). Para essa autora, meninas preferem cenas mais

suaves e com imagens românticas. Esta assertiva está presente nas respostas de algumas crianças: "Porque a Cinderela era uma garota empregada e se casou com o príncipe. Porque ela dorme e o príncipe acorda com o beijo." (A., 8 anos, 2ª série); "Porque ela [Alice] é uma jovem menina sonhando então isso pode acontecer comigo também..." (A., 8 anos, 2ª série).

Segundo Piaget, as crianças entre sete e onze anos ou doze anos, encontram-se no estágio das operações concretas (começo da lógica). Nessa fase, os sentimentos morais e sociais de cooperação fortalecem as relações interpessoais. As meninas mantêm uma relação mágica com seus super-heróis atribuindo a estes a consecução de desejos externalizados em seus recados enviados a eles. Para as Meninas Super Poderosas: "Eu queria que você viesse salvar o meu bairro para dizer: não às brigas!" (I., 8 anos, 2ª série); "Muito obrigado por salvar meu país e por tudo mais que vocês salvam." (A., 8 anos, 2ª série); para Holly, do desenho *Monster Rancher*: "Eu te admiro muito eu queria ser como você, você sempre não quer lutar." (T., 8 anos, 2ª série); para o Super Homem: "Como você salva o mundo? Você é um gato. Quer ser meu namorado? Diga que sim, por favor. Meu coração, bate ligeiramente apertado, ligeiramente apaixonado, caiu tão fundo nessa emoção..." (M., 8 anos, 2ª série).

Elas depositam neles sua confiança e acreditam que seus pedidos serão atendidos. Algumas vezes, tentam travar um diálogo com o seu escolhido como se pudessem ouvir a resposta tão esperada. Para o Goku e Gohan: "Que eu admiro muito eles, que queria também voar." (L., 8 anos, 2ª série). Nesse sentido, entendemos também que a criança poderá se identificar com um personagem ou uma situação que seja bem diferente de si própria, e isso é possível pelo jogo de máscara, onde a participação no jogo da imaginação leva a criança ao processo produtivo da comunicação. Então, o lúdico e os sentidos se realizam.

Como conta AMARILHA (1997, p.84),

A esse respeito recordo-me de uma mãe que costumava ler conto de fada para suas duas filhas. Ao término da narrativa, a mais velha, regularmente, pedia para brincar de representar. Nessas encenações, a mais velha sempre escolhia o papel de bruxa e, assim, no jogo ficcional ela realizava pequenas maldades com a irmã caçula, o que nunca fazia na vida real, em que se comportava de maneira afável e carinhosa. Como o leitor está dentro da máscara, ele pode julgar a realidade com mais isenção.

Nas colocações feitas pela criança na fase da pré-adolescência, identificamos na sua linguagem expressiva o avanço no sentido de ampliar seus argumentos fundamentados em características externas, para a construção de traços de personalidade, que associam as ações às intenções fazendo desta forma uma leitura dos relacionamentos interpessoais. A menina disse gostar do desenho de Mickey. "[...] porque é meu desenho preferido porque tem muitas coisas engraçadas." (A., 11 anos, 2ª série).

O dia a dia de uma criança não é preenchido somente com televisão. Elas têm que ter hora de estudar na escola e em casa, hora de almoçar, tomar banho, dormir, ficar com a família.

Conforme nos mostra BEE (1996, p.334), algo muito importante com relação à atuação familiar, onde muitas vezes, isso não é repassado para a criança que começará mais cedo ou mais tarde a apresentar problemas com relação ao comportamento.

Ela chama de "o mundo real" e mostra os seguintes pontos:

Formando Crianças Altruístas e Disponíveis

1 - Criando um clima familiar amoroso e cálido - Isso é especialmente efetivo se esse carinho for combinado com explicações claras.

2 - Explicar por que e dar regras - São importantes regras claras sobre o que fazer e sobre o que não fazer. Explicar as conseqüências da ação de uma criança em termos de seus efeitos sobre os outros também é bom; por exemplo, " Se você bater na Suzan irá machucá-la". Igualmente importante é apresentar regras ou orientações positivas; por exemplo: "Sempre é bom ajudar as outras pessoas" ou "Nós devemos compartilhar aquilo que temos com as pessoas que não tem tanto".

3 - Proporcionar atribuições pró-sociais - Atribuir a ação disponível ou altruísta de seu filho(a) e ao seu caráter interno: "Você é uma criança tão disponível!" ou "Você certamente faz muitas coisas boas para os outros". Esta estratégia começa a ser efetiva com crianças de 7 ou 8 anos, mais ou menos na mesma época em que elas estão começando a desenvolver noções globais de auto-estima. Desta maneira, você pode conseguir afetar o auto-esquema da criança.

4 - Faça as crianças ajudarem - As crianças podem ajudar a cozinhar, tomar conta dos animais de estimação, fazer brinquedos para presentear, ensinar os irmãos ou crianças menores na escola, assim por diante. Isso pode ter um efeito contrário se a coerção exigida para fazer a criança ajudar for forte demais: a criança pode então atribuir seu "bom" comportamento à coerção ("A mamãe me fez fazer isso"), em vez de atribuí-lo a algum traço interno próprio ("Eu sou uma pessoa disponível / boa"), e assim nenhum altruísmo futuro é estimulado.

5 - Modele comportamentos generosos e atenciosos - Apresentar as regras certamente não adiantará nada se seu próprio comportamento não combinar com aquilo que você diz!

Sobre o diferencial identificado entre os dois grupos de meninas, segundo a concepção de Vygotsky (1998, p.117),

Esses exemplos individuais ilustram uma lei geral do desenvolvimento das funções mentais superiores, a qual achamos que pode ser aplicada em sua totalidade aos processos de aprendizado das crianças. Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a

criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões realizadas, durante o desenvolvimento da pesquisa, nos conduziram ao processo de reconstrução de um novo olhar sobre a relação que a criança estabelece com seus heróis, como estes aportam no universo infantil e realizam a interferência no desenvolvimento proximal, como também, na transição dos níveis de desenvolvimento emocional, presentes na fase da infância e na fase da adolescência.

Destarte, como diz AMARILHA (1997, p.73),

[...]os contos de fada, com seu rico referencial simbólico, ressaltam o papel que a literatura deve ter para a criança. O de tornar acessível ao leitor experiências imaginárias que sejam catalisadoras dos problemas do desenvolvimento humano e assim proporcionar autoconfiança sobre seu próprio crescimento.

Em nosso estudo, constatamos uma contradição pois, apesar das crianças elegerem os atuais desenhos como favoritos, elas não incluem os seus protagonistas como seus super-heróis. Estes foram escolhidos dentre os personagens tradicionais, tais como, Homem Aranha, X-Man, Super-Homem, Mulher Maravilha e etc. Esta escolha pode ser entendida tendo como referencial a influência que o modelo de cultura americana exerce sobre a nossa cultura, onde os valores individuais e a competição são vistos como ferramentas essenciais para a vida em sociedade.

Entretanto, além destas influências valorativas, ressaltamos a importância da fantasia na construção do self da criança. A possibilidade de vivenciar momentos que dêem vazão aos sonhos e fantasias contribui para que os pequenos fiquem em estado de êxtase diante dos desenhos preferidos.

No que diz respeito à individualidade de cada uma destas crianças, a qual irá se relacionar com o crescimento da auto-estima que ocorre através da identificação, projeção e transferência, estes elementos se combinam e definem esta interação, entre estes heróis contemporâneos ou tradicionais com estes pequenos indivíduos. Sabemos que a criança precisa amadurecer a relação do seu mundo interior com o mundo exterior. E isto é feito através da socialização, da convivência em grupo.

Para tanto, ela passa por fases de transições que consistem na passagem de uma fase bem vivida, bem experimentada para uma fase de total desconhecimento da realidade e isto lhes causa medo e ansiedade.

Para Piaget, a criança vive em processos constantes de equilíbrio, que se confirma por meio de processos assimilativos e processos de acomodação. Com isso, surgem objetos e sujeitos para dar à criança segurança e suporte para atravessar os estágios de desenvolvimento, e entre estes objetos se insere a importância das histórias infantis (Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho) como também dos desenhos animados atuais. Eles colocam para criança 'problemas' que não fazem parte do seu cotidiano infantil, mas que farão em um futuro próximo, na sua vida adulta.

Devemos fazer análise dos dois pontos, tanto positivo quanto negativo, sobre a influência dos heróis contemporâneos. Sabemos que hoje as crianças são altamente ligadas nos desenhos animados na televisão. Especialistas reconhecem que essas histórias enaltecem valores positivos como: responsabilidade, cooperação e respeito pelos mais velhos.

No desenho Pokémon por exemplo, os personagens cuidam dos pequenos monstros. Eles resolvem seus problemas juntos, com espírito de equipe. Porém, professores e pais reclamam das brincadeiras das crianças pois, como os desenhos de hoje em dia são repletos de ação, lutas, tudo com muito movimento, as brincadeiras das crianças retomam essas características. Mas, temos que ter em mente que esse comportamento é obtido em partes isoladas do dia, como, por exemplo, no recreio e na rua com os colegas.

Em relação ao posicionamento das educadoras, nota-se uma dualidade onde histórias de contos de fada exercem um poder positivo e são valorizadas no momento da contação de histórias, sendo reinterpretadas através da dramatização e das atividades desenvolvidas em sala de aula.

Em contrapartida, a percepção dos educadores em relação aos atuais personagens televisivos e que estes exercem uma influência negativa e ao mesmo tempo diferente pois, percebem cenas de violência que, segundo eles, influencia o comportamento das crianças no âmbito escolar.

Dessa forma, percebemos que o universo infantil nos dias de hoje sofre influência dessa linguagem virtual presente nos heróis contemporâneos, expressa no dinamismo da aventura e da ação pois, as crianças sentem necessidade de se envolverem com o desconhecido e o misterioso. Buscam dessa maneira, vivenciar o mundo exterior, contextualizado com o seu mundo interior.

Apesar de a criança não participar do mundo adulto, ela se projeta nele, criando assim, elementos que irão auxiliá-la no desenvolvimento da maturação de sua personalidade. Por isso, o treino para uma vida futura é uma das possibilidades que o lúdico oferece às crianças. Agradeça aos heróis!

BIBLIOGRAFIA

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª edição, 1997.

BEE, HELEN. **A criança em Desenvolvimento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 7ª edição, 1996.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 9ª edição, 1992.

Louro, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, Ed. Vozes, 1997.

_____. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 24ª ed.revista, 1999.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 6ª edição, 1999.

WOOLFOLK, A. Usando as pesquisas para compreender o ensino. In:____, **Psicologia da Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

[CONSOANTES]

Uso do giz
pra encontrar
as garças.

[S]

Poetas de bicicletas
Pedalam quadrinhos
Páginas de gibis rasgados
Figuras dentro do bolso
Chicletes fazem ploc-ploc
Gol de placa
Não sabem andar de fora
da rebeldia
Prefiro sorvetes
amarelo com chocolate

Tânia Lima



Sítio do Picapau Amarelo

Dia Nacional do Livro Infantil e de Monteiro Lobato

Alzenir Araújo Santos

araujosantos.alzenir@gmail.com

Quando se fala em Monteiro Lobato logo vem à mente as célebres frases que ele disse: “Um país se faz com homens e livros” e “Ainda acabo fazendo livros onde as crianças possam morar”. E fez bonito!

Até hoje as crianças gostam de ouvir as histórias do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, um lugar mágico, no meio da natureza, que abriga personagens inquietos, intrigantes e indagadores que se “movem” de um livro para outro.

Quem não gostaria de estar na sala ou na varanda deste sítio escutando as histórias da *Dona Benta*, a dona do sítio que não deixa escapar um detalhe de tudo que ocorre por lá, uma vovó “maluquete” e muito amorosa, que toda noite conta uma história para as crianças antes de dormir, fazendo-as mergulhar no mundo maravilho da fantasia e da imaginação.

Em *Reinações de Narizinho*, Lobato ofereceu sua primeira pérola literária para os pequenos leitores, que reúne as primeiras histórias que ele escreveu. Narizinho e Pedrinho são todas as crianças que trazem naturalmente dentro de si o desejo de conhecer e de aventurar pelo mundo, desvendando os mistérios das coisas mais simples às mais complexas. Desejo esse que, na maioria das vezes é “aprisionado” pelas regras impostas pelos adultos.

Um por um, os moradores do Sítio do Pica-pau Amarelo vão sendo minuciosamente apresentados aos leitores, como se quisesse fazê-los antever o que viria dali em diante. A magia, a sedução, o encantamento, estão presentes em cada página dos livros que este escritor tão pioneiro e audacioso escreveu para o público infantil.

Com a boneca *Emília*, Lobato nos apresenta uma personagem que transgride as regras sociais, que diz o que pensa sem que seja submetida a nenhum constrangimento, intimidação ou ameaça. Sem ninguém para lhe dizer: “Veja lá o que você vai falar, viu? Senão...”

Um dos aspectos mais valiosos da obra de Monteiro Lobato é que ele aborda temas complicados ou “sérios” demais para tratar com crianças, através de uma linguagem simples, recheada de expressões coloquiais que tornam a leitura agradável e instigante.

Monteiro Lobato, devido a importância do conjunto de suas obras para a literatura brasileira, e mais ainda, para a literatura infantil, merece um lugar de destaque sim nas bibliotecas, *principalmente nas escolares*. Porém, às vezes o que se observa é a atitude de receio de alguns educadores em ler para as crianças essas obras primas, alegando que os textos são longos demais, que elas não prestam atenção, que vai ser cansativo... E onde fica o prazer de ler aos poucos uma história “comprida” e fazer aquela paradinha no momento mais interessante, aquele que deixa no ar um suspense angustiante que faz com que as crianças queiram escutar o resto da história no outro dia?

Seria muito interessante que as escolas marcassem o dia 18 de abril como o início de um projeto de leitura literária sobre a obra de Monteiro Lobato ao longo do ano, fazendo as devidas adaptações na metodologia de acordo com a idade das crianças, como, por exemplo, o uso das dramatizações, de músicas, etc.

João Collares, professor e artista, tem uma música que faz referência a Monteiro Lobato no CD Calendário Escolar Musicado – Datas Comemorativas – Vol. 1:

“E o livro tem seu dia”

João Collares

E o livro tem seu dia
Em 18 de abril
A homenagem é pra Lobato
Escritor do meu Brasil.

No Sítio do Pica-pau Amarelo
Monteiro Lobato criou
Personagens engraçadas
Alegria e muito humor.

Narizinho e Pedrinho
A Dona Benta e Anastácia
O nosso Tio Barnabé
Zé Carneiro, João Perfeito
E o Garnizé.

O Visconde de Sabugosa
A Emília engraçada
O Marquês de Rabicó
E a Cuca malcriada.

Alegrias vamos ter
Todo mundo pode crer
Como os livros de Lobato
As estórias vamos ler.

Monteiro Lobato!

Solo: Cristina Collares



**Comemoração do Dia Nacional do Livro Infantil na
Escola Municipal Henrique Castriciano, no ano de 2011.**



As memórias das Memórias da Emília

Sônia Smijevski Ferri

ferri.sonia@gmail.com

Lembro-me bem da imagem de Rossana sentada ao pé da escada, e as crianças acomodadas nos degraus, ansiosas por ouvir as estórias do Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato. Recordo-me do tamanho dos livros: eram imensos, cheios de figuras e traziam estórias tão especiais, principalmente para uma menina curiosa como eu. Ficava fascinada ouvindo todas as aventuras daquela turminha... Mas, as personagens que realmente me encantavam eram: a boneca de pano que falava (e como falava) e o sabugo de milho mais inteligente que gente. Mas, o encantamento aumentou quando descobri o livro: *Memórias da Emília*.

Ainda hoje, tendo de ler novamente o livro para refrescar a escrita, dou muitas gargalhadas com as travessuras da danada da boneca “Emília”, e com os aborrecimentos do inteligentíssimo sabugo “Visconde de Sabugosa”. Teve até uma época que quis escrever as minhas próprias memórias, inspirada por Emília. Enchi muitas folhas de caderno com estórias reais e inventadas que acabaram perdidas entre “badulaques”, coisas velhas, e que com o tempo perderam-se entre arrumações, mudanças, esquecimentos...

Foi através da imaginação que Emília conseguiu ser clara e convincente para definir memória: “- Memórias são a história da vida da gente, com tudo o que acontece desde o dia do nascimento até o dia da morte.” (LOBATO, 2007, p.12) Ou para definir a vida:

A vida, Senhor Visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar, quem pára de piscar chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos – Viver é isso. É um dorme e acorda [...] A vida da gente neste mundo, senhor Sabugo, é isso. Um rosário de piscadas. Cada pisco é um dia. Pisca e mama; pisca e anda; pisca e brinca; [...] pisca e ama; pisca e cria filhos. Por fim pisca pela última vez e morre. – E depois morre? Perguntou Visconde. – Depois que morre vira hipótese. É ou não é? O Visconde teve de concordar que era. (Idem, p. 16)

Vivia perguntando-me como podia uma bonequinha feita de pano falar tanto e tão bem, ser tão esperta, ter tantas ideias. Ah! Como eu quis ter uma Emília! Ou ser Emília... Como aqueles livros eram diferentes da maioria dos livros oferecidos às crianças naquela época. Continham tantas coisas inteligentes, que eu até pensava igual, mas que se faladas por mim ou outra criança, jamais seriam compreendidas pelos “adultos”. Ler os livros de Lobato era sentir-se gente, ler Emília era sentir-se inteligente. E além de tudo isso é possível revisitar as outras obras de Lobato dentro desta. Pois, as memórias da bonequinha trazem muitas das aventuras da turminha do sítio que estão em outros livros, como *Reinações de Narizinho*, *Viagem ao Céu*, etc.

A marquesinha Emília deixou marcas em mim e acredito que na maioria das crianças que tiveram o privilégio de ler e até mesmo de assistir o *Sítio do Picapau Amarelo*. Acredito que se Emília não existisse, a existência das outras personagens ficaria sem sentido ou pelo menos com um pouco menos de encantamento e graça. Emília foi – ou é - a voz das crianças brasileiras castradas com estórias compradas e moralizantes.

REFERÊNCIAS

LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. São Paulo: Editora Globo. 2007.

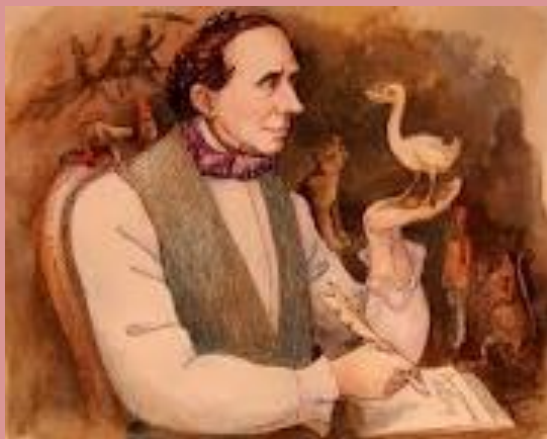
Sou frágil o suficiente para uma palavra me
machucar, como sou forte o bastante para
uma palavra me ressuscitar.

Bartolomeu Campos de Queirós



Hans Christian Andersen, o pai da Literatura Infantil

Maria Francimária Cavalcante*



A minha vida é um bonito conto de fadas, rica e feliz. Mesmo quando não passava de um rapazinho e me aventurei no mundo, pobre e sem amigos, houve uma fada boa que me disse: 'Escolhe o teu caminho e o teu objectivo na vida. Depois, de acordo com o teu progresso pessoal e sempre que a razão o exija, guiar-te-ei e defender-te-ei'. O meu destino não podia ter sido mais feliz e mais sabiamente conduzido. A história da minha vida mostrará ao mundo o que me mostrou a mim: - há um Deus que nos ama e que conduz todas as coisas no melhor sentido.

Hans Christian Andersen

O autor no contexto

Hans Christian Andersen nasceu no dia 02 de abril de 1805, em uma pequena cidade localizada na região central da Dinamarca. Seu pai era sapateiro e a mãe lavadeira. Andersen nasceu em uma família muito pobre. Embora seu pai fosse de saúde frágil, era um homem instruído e assim introduziu o filho no mundo da leitura. Incentivou sua imaginação e criatividade, o que ajudou Andersen a desenvolver seu senso crítico. Chegou mesmo a criar um teatro de marionetes para que o filho pudesse encenar peças clássicas como a de Shakespeare.

Com o falecimento de seu pai no ano de 1816, é obrigado a largar os estudos para poder trabalhar. Inicialmente ocupou-se como aprendiz de alfaiate e depois trabalhou em uma fábrica de tabaco. Com pretensões de se tornar ator, muda-se para a cidade de Copenhague aos 14 anos de idade. Não consegue seu intento, tenta então escrever peças teatrais, mas também não foi bem sucedido.

No ano de 1822 pôde dar continuidade aos seus estudos, que foram financiados por Jonas Colins, um dos diretores do Teatro Real e membro do governo, que lhe conseguiu uma bolsa em uma escola de Slagelse. Andersen nunca negou uma certa aversão aos estudos, no entanto submeteu-se com resignação. No ano de 1827 foi admitido na Universidade de

* Formada em História pela UFRN, atualmente graduanda em Letras pela UFRN e Professora da rede pública Municipal de Ensino de Natal/RN. E-mail: mfrancimaria@yahoo.com.br

Copenhague, onde não demorou muito foi considerado excêntrico pelos companheiros de curso, devido às suas idéias e escritos nada convencionais.

Andersen nasceu em um período bem conturbado da história dinamarquesa. Ano em que Napoleão Bonaparte iniciou suas conquistas sobre a Rússia, Prússia, Alemanha e Áustria. Cresceu respirando os ares do movimento nacionalista nascido na Alemanha e que se instaurou entre os reinos escandinavos, os quais mantinham estreitos laços culturais com a Germânia.

Embora em suas histórias se utilize de aspectos próprios ao nacionalismo romântico popular, criado pelos Irmãos Grimm vinte anos antes, o mundo de Andersen era outro, respirava-se então “uma outra atmosfera cultural e política, bem como outras linhas de força que, no fundo, nada mais eram do que o ‘amadurecimento’ das sementes lançadas pela geração anterior.” (Coelho, 1991, p. 148). Andersen sempre abordou o romantismo de uma forma um tanto quanto nostálgica, exaltando os ideais românticos, valorizando o popular, a fraternidade e a generosidade humana. Singelo, ingênuo, seguindo o que lhe ia no coração e não uma tendência intelectual.

A obra

Se na literatura do período anterior foi explorado o mundo do maravilhoso e das histórias fantásticas, nas histórias de Andersen o maravilhoso está presente na própria concretude da realidade. A fantasia mesclada à violência e crueldade do cotidiano, o poder dos mais fortes sobre os mais fracos, em uma época em que a única maneira de ascender socialmente era pertencer à nova classe burguesa detentora dos poderes da indústria. Esta foi a realidade presenciada pelo autor em sua trajetória de vida, que soube ser um observador atento de duas realidades distintas e antagônicas que coexistiram lado a lado.

Para escrever, Andersen se utilizou não só das histórias populares de tradição oral, mas também criou suas próprias histórias, abordando os aspectos presentes em sua realidade. Segundo Coelho

Para além dessa diferença (a do aproveitamento de elementos reais, pertencentes à vida do dia-a-dia), Andersen vai tornar mais explícitos os padrões de comportamento exigidos pela Sociedade Patriarcal, Liberal, Cristã, Burguesa que então se consolidava. A par desses valores éticos, sociais, políticos, culturais... que regem a vida dos homens em sociedade, Andersen insiste também no comportamento cristão que devia nortear

pensamentos e ações da humanidade, para ganhar o céu... (Coelho, 1991, p. 150).

Após ingressar na Universidade de Copenhague, por um tempo Andersen tentou escrever textos de poesia, mas não obteve muitos resultados. De suas experiências de viagens escreveu alguns romances e livros de viagem, como “Viagem a pé do Canal de Holmen à Ponta Leste de Amager” (1829); da sua viagem à Itália escreveu o “O improvisador” (1835), que foi seu primeiro grande romance de sucesso.

Poemas, novelas, livros de viagem, peças de teatro e autobiografias, Andersen escreveu de tudo um pouco, mas o que o imortalizou realmente foram seus contos de fadas. O sucesso absoluto tão esperado veio somente quando da publicação de *Eventyr* (Contos infantis), uma coletânea de 168 contos publicados entre os anos 1835 a 1872. Seus escritos foram traduzidos em cerca de 145 línguas diferentes. Muitos desses contos são conhecidos pelas crianças do mundo inteiro e servem como exemplo de conduta a ser adotada pelas crianças.

Entre seus mais conhecidos títulos, podemos citar: *A polegarzinha* (1835); *O companheiro de viagem* (1835); *A sereiazinha* (1837); *Os cisnes selvagens* (1838); *O soldado de chumbo* (1838); *A roupa nova do Imperador* (1838); *O guardador de porcos* (1841); *O patinho feio* (1843); *A rainha da neve* (1844); *Os sapatinhos vermelhos* (1845); *A pastora e o limpador de chaminés* (1845); *A pequena vendedora de fósforos* (1847); *João sem medo*; *O homem da neve*; *O rouxinol e imperador da china*.

Inicialmente Andersen escrevia para adultos, mas logo percebeu quão importante eram seus escritos para as crianças e para que estas tivessem uma formação diferenciada. Assim caiu no gosto não só dos adultos, mas encantou crianças com seus contos de fadas, com sua emotividade que vai além da ficção, tocando fundo no coração do leitor.

Para Nelly Novaes Coelho “Andersen foi, portanto, a primeira voz autenticamente romântica a contar histórias para crianças e a sugerir-lhes padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que se organizava”. (1991, p. 151). Muitos são os valores ideológicos do romantismo empregados por Andersen no decorrer de seus textos.

Quem nunca ouviu a história de *O patinho feio*, ou *A pequena vendedora de fósforos*, por exemplo, nestes contos há uma grande valorização do indivíduo e de suas qualidades internas se sobrepondo ao externo, dando-se menos relevância a aparência ou ao que os outros pensam. A descoberta de novos mundos e os ônus/bônus que podem vir com essa exploração são facilmente verificáveis em *A sereiazinha* e em *João sem medo*. A idéia do

castigo/recompensa pode ser encontrada em *Sapatinhos* vermelhos. Uma outra característica marcante nos seus contos é a presença constante de determinadas características nas personagens femininas, tais como: obediência, pureza, recato, submissão, perfil clássico da idéia de Obediência devida pelas mulheres aos homens e à sociedade. “No *plano do ideal*, ela o ser do qual depende a realização total do Homem; no plano da *realidade social* e humana, é o ser-objeto, totalmente submisso à Vontade do homem (pai, irmão ou marido)”, tem sempre alguém que decide seu destino, não importando suas vontades, sempre obediente às regras impostas pela sociedade. Esta característica do ser feminino pode ser facilmente observada e tem por base as regras impostas pela própria sociedade em que viveu o autor, onde à mulher era sempre legado o papel secundário nos acontecimentos cotidianos, como se essa não possuísse vontade própria.

As narrativas de Andersen são envolventes, uma mistura de “realismo” com o “maravilhoso” e, no entanto não vemos a presença de seres fantásticos, mas personagens simples, vivendo problemas cotidianos em um espaço comum. A mágica, entretanto, faz-se presente tão naturalmente, que real e fantasia se misturam sendo impossível definir suas fronteiras. Seres inanimados, (seja um animal, uma árvore, uma flor) ganham vida, possuem sentimentos, agem e pensam tal qual seres humanos e assim se cria a fantasia.

Considerações Finais

Pensar nas narrativas de Andersen na nossa atualidade e de como elas interagem com o cotidiano do século XXI, não é tarefa fácil. Há os que defendam a idéia de que suas histórias são por demais violentas e sem nenhum atributo positivo para nossas crianças. Outros já defendem um pensamento em contrário, afirmando que mesmo considerando estes aspectos, seus textos vão além dessas características e o que vale mesmo é a criança adentrar o mundo da imaginação. Quem melhor para fazer isso do que aquele que conseguiu transformar o mundo real em um grande mundo de fantasia?

Independente do que dizem os teóricos, Hans Christian Andersen é considerado um dos grandes precursores da literatura mundial para crianças e jovens. Em sua homenagem, o dia 2 de abril é considerado o *Dia Mundial da Literatura Infanto Juvenil*. O prêmio mais importante da literatura infanto juvenil leva seu nome. Também há uma medalha concedida pela *International Board on Books for Young People – IBBY*, aos maiores nomes da literatura infanto juvenil. Lygia Bojunga foi a primeira brasileira a ganhar esta medalha no ano de 1982.

Andersen faleceu no dia 4 de agosto de 1875 na cidade de Copenhague, deixando ao mundo suas idéias, ajudando a criar tantas outras, sendo a inspiração para que outros escritores continuassem a encantar e transformar a vida dos pequenos e dos grandes leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da Literatura Infantil Juvenil**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

<<http://nonio.eses.pt/contos/andersen.htm>> Acesso em 09/04/2012

<<http://eucontoassim.wordpress.com/category/contos-de-fadas/>>. Acesso em 09/04/2012

Meu livro infantil

* *Matilde Pontes*

Há livros infantis para crianças e livros para alimentar a infância dos adultos, deixando de lado a ideia de que livros contendo poucas páginas são destinados ao público infantil.

A obra literária, Raul da Ferrugem Azul, da escritora Ana Maria Machado, ilustrado por Patrícia Gwinner, recebeu o Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantojuvenil, em 1979. Este, deveria compor, nas livrarias, a seção desta nova categoria.

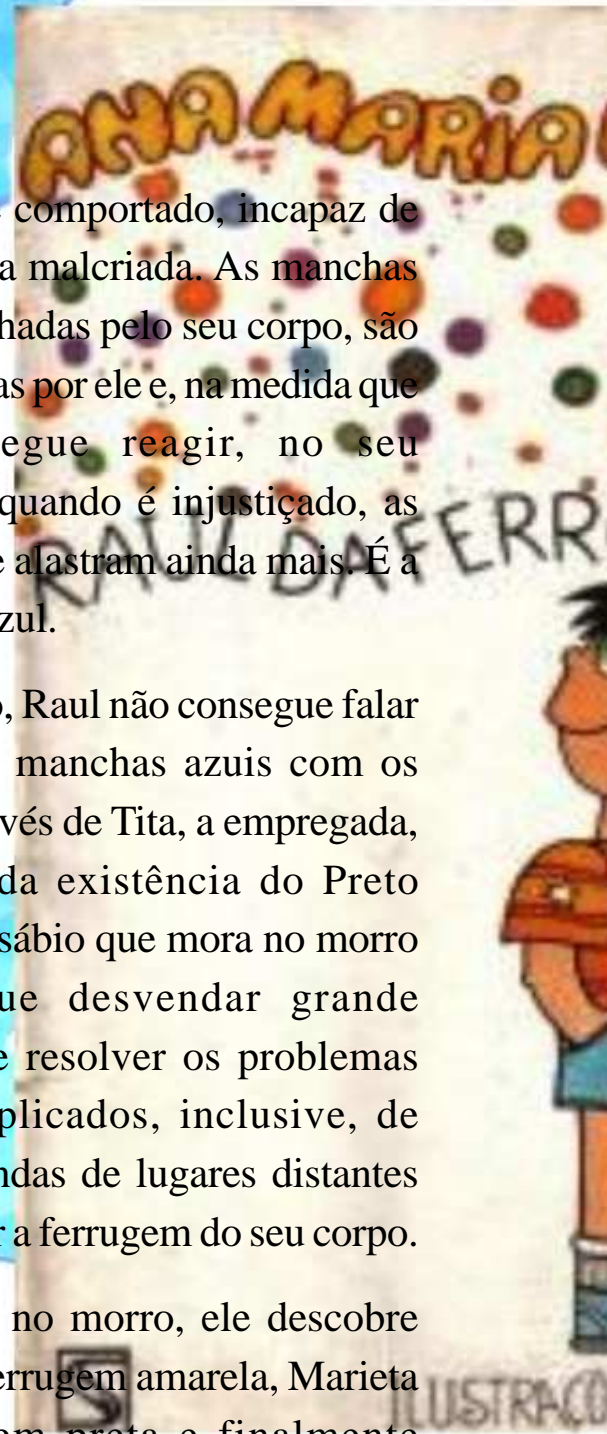
Na prática pedagógica de sala de aula, é importante que ao indicar livros para leitores em processo de formação, agrade antes, a quem o indicou, pois a essência contida na narrativa, necessita encantar ao leitor, justificando a força humanizadora da qual a literatura é possuidora.

O personagem protagonista, Raul, como tantos outros, é um menino

bonzinho e comportado, incapaz de dar resposta malcriada. As manchas azuis espalhadas pelo seu corpo, são apenas vistas por ele e, na medida que não consegue reagir, no seu cotidiano, quando é injustiçado, as manchas se alastram ainda mais. É a ferrugem azul.

Filho único, Raul não consegue falar sobre suas manchas azuis com os pais. É através de Tita, a empregada, que sabe da existência do Preto Velho, um sábio que mora no morro e consegue desvendar grande mistérios e resolver os problemas mais complicados, inclusive, de pessoas vindas de lugares distantes para vencer a ferrugem do seu corpo.

Ao chegar no morro, ele descobre Estela da ferrugem amarela, Marieta da ferrugem preta e finalmente conhece o sábio, o Preto Velho que, para surpresa de Raul, também tem outro tipo de ferrugem.



Matilde inesquecível



Raul saiu do morro pensando na conversa que teve com o Preto Velho. E concordou com o velho sábio, quando ele dizia que só dependia de cada um para vencer a sua ferrugem. Como ele morava em um lugar em que as pessoas faziam tudo para ele, muitas vezes não era preciso usar seus dons. Mas, agora, tudo seria diferente.

Através das ações dos personagens das belas narrativas, o leitor se identifica e pode encontrar saídas para questões da vida real. A metáfora da ferrugem azul ilustra bem isso. Tal qual uma pérola se esconde no fundo do mar, protegido pela ostra, o protagonista revela a fragilidade, a insegurança, a timidez, até o momento em que decide criar asas e agir com autonomia, tornando-se protagonista da sua própria história.

* Especialista em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte-IFRN

Endereço eletrônico:

matildepontes60@gmail.com

Caderno de literatura

Possíveis contornos da beleza de Maria Bonita

Por Márcio de Lima Dantas

Professor do Departamento de Letras
da UFRN,
ensaísta e tradutor



Possíveis contornos da beleza de Maria Bonita

*Viens-tu du ciel profond ou sors-tu de l'abîme,
O Beauté? ton regard, infernal e devin,.....*

Charles Baudelaire

Segundo o depoimento de um contemporâneo do Rei do Cangaço, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, e de sua companheira, Maria Bonita, referindo-se a esta, disse: “nenhum retrato dela dava conta da opulenta e graciosa beleza possuída por aquela mulher de temperamento silenciosamente afoito”. Bem vemos que a companheira de um dos principais mitos nacionais não era o que chamamos de *pessoa fotogênica*. Creio que o relato desse cangaceiro foi o que conseguiu apreender com racional propriedade e intuitiva perspicácia um fenômeno que tinge desde sempre a história do cangaço, a saber: o da polêmica de se considerar como detentora de uma beleza fora do comum, que se sobrepunha às demais mulheres integrantes de grupos de errantes bandoleiros das caatingas, incluindo-se no rol a tão decantada formosura de Sila, companheira de Zé Sereno e de Dadá, companheira de Corisco .

Considerar Maria Gomes de Oliveira, nascida no distrito de Malhada da Caiçara, município de Paulo Afonso (08.09.1911), Bahia, como detentora de assombrosa beleza, é, no mínimo, resultado de exarcebada admiração. O que parece fazer sentido é que se torna muito difícil uma caracterização, a partir de dados concretos, ou seja, de elementos concernentes à compleição física (dentro do que se convencionou como o belo feminino). Inútil repisar a fala fluida das narrativas relacionadas àquela que se incorporou ao cangaço em

1930, com apenas 19 anos, pouco se importando com o que iam dizer, ao abandonar marido e casa, tendo sido pioneira, pois até então não se tinha conhecimento de mulheres nos agrupamentos de bandoleiros. E não esquecer um dado muito importante: quem entrava no Cangaço não podia sair. Era um caminho sem volta, labirinto com apenas entrada. Haja coragem para se viver em risco constante e submetido a um código de leis e moral diferentes da DOXA.

Se usarmos a técnica de nos determos nas partes em detrimento do todo, fica meio complicado de se chegar ao nosso objeto de estudo. Então façamos o contrário. A verdade, menino, parece ser o inverso: apenas uma visão que comporte a totalidade, tendo em vista uma visão do conjunto, sendo este resultado de um amálgama no qual encontram-se fundidos o temperamento e o *modus vivendi* que, por se turno, se somará a alguns traços físicos tidos em terras do sertão como atributos da boniteza de uma mulher. Não raro sucede esse fenômeno a alguns indivíduos. Com efeito, mesmo não se enquadrando nos padrões de beleza estabelecidos pelas classes dominantes e pelo bombardeamento constante das mídias, alguns conseguem possuir algo indefinível – ou não passível de ser submetido aos nossos esquemas mentais apreendedores do “belo”, desde sempre repassados de geração a geração .

Destarte, tomo a liberdade de usar a noção de “it” como categoria analítica. It é uma espécie de “aquilo”; um quê acometido pela presença de alguém ou de algo, refutador de categorias consideradas como as “normais” e que fundam nossas expectativas mentais, socialmente produzidas, quase que impostas de goela abaixo. Como sinônimo de it posso arrolar “encanto”, “donaire”, “condão”. Se quiserem, posso dizer só um exemplo.

Vejam os o caso da atriz Fernanda Montenegro. Alguém poderia considerá-la bonita? Dificilmente, porém não há como não admitir que uma beleza de outra ordem ali se instalou, fulgurando por meio de ângulos retos no rosto, do tom de voz categórico, dos olhos quebrantados pela presença de um passado pleno de vivências e rastros de sóbria melancolia, enfim, um planeta sem vida arrodado por inúmeros satélites de envergadura, texturas, cores e brilhos de muitas qualidades.

Falo de uma coisa que irrompe de dentro para fora, que sai das vísceras e contamina a epiderme, engendrando uma aura de mágica e indefinível porque indecifrável atmosfera, banhando o corpo e a alma, fundindo, estes, num só e absoluto monólito capaz de elevar o indivíduo a um patamar de destaque face à média dos seus semelhantes. Assim, mais ou menos: aquele tipo de gente que quando chega em qualquer ambiente não precisa nem abrir a boca, proclamando seu timbre de voz, para se fazer notar e espalhar curiosidade nas cabeças presentes. Usando livremente as idéias da antropologia do imaginário do francês Gilbert Durand, esse tipo de gente inscreveria-se no entorno semântico da *louca da casa* (“la fole du logis”). Isso mesmo, como a história do velho tio vindo de longe dizendo: “esse menino é diferente dos outros”. Por que é mais bonito? Não, porque detém algo de mágico no donaire da postura física e sobretudo no olhar.

Au dèla de uma tentativa de explicação que leve em conta aspectos não racionais, não podemos esquecer dos traços físicos propriamente ditos da inolvidável Maria de Déa. Segundo relatos de contemporâneos, tinha cerca de 1,58m, altura suficiente para integrá-la num padrão de normalidade de altura das mulheres, bem diferente de Inacinha, companheira do cangaceiro Gato, mulher

pequena. Outra referência para se comparar é Cristina, companheira do cangaceiro chamado Português, considerada como alta diante da estatura média das mulheres do Nordeste. Contudo, a força expressiva maior parecia advir do fato de ter pernas grossas e bem torneadas, coisa muito valorizada na estética sertaneja; é logo no que se fala quando se começa a discorrer acerca do físico de uma mulher¹. O segundo elemento era o contorno da boca: lábios carnudos e corados, em permanente expectativa de luxúria numa mulher morena, acaboclada, atributo também reputado como valor numa região em que se despreza a pessoa de pele negra ou “cabra (os que têm traços de negros, porém são claros, com “cabelos ruins”, também conhecidos pejorativamente como “amarelos”). Sim, não podemos esquecer os olhos oblíquos que, juntando-se a um queixo “insolente” (de quem não se intimida com nada: nem com gente, nem com situações), delineiam uma composição bandeando-se para áreas semânticas que remetem a temperamento forte, passional, o que chamam de pessoas “positivas” (pouco dadas a representar socialmente, não afeitas à hipocrisia). E ainda: tinha uma dentadura perfeita, coisa também valorizada em terras sertanejas e alhures.

Os poucos minutos de filmes que a retratam, feitos por Benjamin Abraão, deixa transparecer uma mulher elegante no pisar firme o solo agreste da caatinga, de postura reta ao caminhar, seguida por um cão. A maneira como retirava, elegantemente, com graciosas mãos, o chapéu de massa, demonstra um domínio do corpo que poucos são capazes de possuir, o mesmo ocorria nas cenas que penteava os longos cabelos de Lampião, ao mesmo

¹ Outrora havia nas cidades do interior o costume de algumas mulheres cortarem a parte inferior de uma fotografia, recusando o fato de terem pernas finas. Duas coisas odiadas pelas mulheres de antigamente: perna fina e peito grande; tanto é que se especulava, na família, a quem ‘puxou’ tão graves defeitos.

tempo em que ataviava-se pondo trancelins, perfume ou anéis nos dedos. A graça das suas maneiras permitia entrever uma mulher cujos sentidos estavam sempre em estado de alerta, prontos e prestos a compreender ou decifrar signos que se lhe apareciam à vista, não é a toa a sua tão decantada intuição, capaz de extrair das forças físicas da natureza oráculos e deduções lógicas, capazes de contribuir para livrá-la de perigos ou se apoderar de uma situação em proveito próprio, com enorme senso de oportunidade (o que os gregos chamavam KAIRÓS).

O certo é que toda uma série de significados achegam-se para reforçar o núcleo central do mito, que como todo mundo sabe, detém uma poderosa força centrípeta, atraindo para si todo e qualquer signo que possa vir a reforçar o eixo semântico principal. Nesse sentido, o mito de Maria, como a Bonita teria “chupado” muito da constelação de signos que orbitavam em torno de Lampião. Mesmo que dispusesse de atributos próprios que a tornavam autônoma enquanto mulher, sobretudo no que diz respeito à bravura e a coragem de abandonar seu marido Zé de Nenén para levar uma vida nômade e perigosa ao lado de um bando de homens que circunscreveram suas próprias leis, paralelas ao *status quo* de então.

Vejam bem, embora fotografada quase sempre ladeada por homens, em nenhum momento parece perder uma espécie de senso de autoridade que lhe era inerente. Ora, uma mulher saída das brenhas do interior, bem que poderia deter uma atitude mais retraída quando do encontro com pessoas mais urbanas e cosmopolitas, o que quero dizer é que não era beradeira. Era justo o contrário: firma-se de cabeça erguida e queixo empinado, como a desafiar de maneira insolente o expectador. Mais também

podemos conjecturar uma outra coisa, é que, no fundo, a companheira de Lampião não ligava mesmo para nada nem para ninguém. Erguia-se face a si com uma elevada auto-estima que a fazia esplender no meio de qualquer grupo de gente que se encontrasse. Acreditava em suas potencialidades e em seus tinos e palpites. Tinha a exata consciência do limite de tempo, de quem vive a desdenhar do modo de vida instituído, que desde sempre todos seguem, cumprindo como se fosse parte de uma ordem natural, e não como simples instituição humana.

Quanto às fotografias feitas sentadas, permanece com uma aura de solenidade e hieratismo, porejando um misto de ingenuidade e digno estar-se à vontade no seu corpo. É assim como se tivesse plena consciência do seu lugar histórico e da importância que a posteridade lhe outorgaria, como um dos principais signos da emancipação feminina, mesmo que nunca tenha articulado um discurso acerca da condição da mulher. O certo é que pulsa como um signo de forte poder de sugestão no imaginário do país, mormente da região Nordeste. Com efeito, nos retratos atestamos um indefectível sorriso feminino, composto mais pelos olhos do que pelos lábios e dentes, pleno de graça e autoconfiança, puxado a uma certa timidez, aureolado de um suave encantamento que os seres de bom sangue passam. Há quem fale da existência de uma coisa chamada “inconsciente ótico”, sendo bem mais perceptível nas fotografias em preto e branco, fazendo evocar no observador certos símbolos do imaginário que funcionam como estruturas antropológicas, remetendo a áreas partilhadas por toda uma coletividade, aqui, no nosso caso, discorreremos acerca de alguns elementos capazes de configurar uma unidade: o aparente recato, o magnetismo, o hieratismo que circunscreveram a

beleza de uma mulher que não se enquadrava nos padrões tidos como belos pela maioria. Esse comedido refinamento de que aludi a pouco, não impediu que vez ou outra, consoante a ocasião, o comportamento tenha sido tisonado, explodindo num aluvião de impropérios e mesmo até partindo para a agressão física, como sucedeu muitas vezes com Maria Bonita, expressas em cenas de ciúme ou vingança contra inimigos

Enfim, o mito com sua lógica própria parece querer demonstrar sua despótica autonomia face aos eventos históricos; embora ainda não se passaram nem 70 anos da morte de Maria de Déa, e tudo já parece muito longínquo, tudo já integra um tempo que tem mais a ver com fatos cujos contornos são indecisos e povoados de lacunas e hipérboles. Não devemos esquecer o fato extremamente elucidatório de que ainda lhe sobrevive uma filha: Expedita . A fornalha do mito requer combustível de outra espécie para queimar seus arquétipos e metáforas, tendo em vista a necessidade humana de fábulas e espelhos. É como se fosse uma espécie de lenha servindo para alimentar as chispas simbólicas configuradoras das estruturas da alma espírito e do conseqüente funcionamento do espírito humano que ardem nas trempes do cotidiano.

Por não dispormos de documentos ou relatos da época, seguimos um percurso através de lacunas que muitas vezes nem começam nem terminam, contentando-nos em inferir possíveis significados a signos que orbitam em torno do mito da primeira mulher a fazer parte de um bando de cangaceiros. Com efeito, podemos nos apropriar daquilo detectado por Max Weber em certos fenômenos sociais centrados em indivíduos, e que chamou com propriedade “autoridade carismática”. Quando tentamos

explicar os possíveis contornos de uma beleza que não se prova muito por si, mas que demanda elementos extra-estéticos ou sócio-antropológicos para sua consecução, a categoria de Weber parece lançar luz sobre o fato de se gabar a beleza de uma mulher que não era nem tão bonita assim. Agora é bom lembrar de uma versão que fala dessa fama, a de “bonita”, como difundida pela mídia da época, ou seja, não surgiu no ceio do próprio cangaço. Bem, parece que o carisma de Lampião respingava sobre sua companheira. O Rei do Cangaço como personificação de um arquétipo presente desde sempre no inconsciente coletivo, sugeria a presença do sumo-sacerdote, pleno de magnetismo, do guerreiro não temeroso da morte ou do patriarca de um clã. Maria Bonita foi a banda feminina desse arquétipo.

Por Márcio de Lima Dantas

Professor do Departamento de Letras da UFRN, ensaísta e tradutor

O Pequeno Príncipe

Rosângela

Para que você nunca
me esqueça, e que eu possa
distinguir você das outras
rosas que não são dignas.

Úrsula Cardozo.

**Úrsula, obrigada por ter me incentivado
a escrever para crianças.**

Rosângela Trajano

Nivaldete Ferreira

Psilinha Cosmo de Caramelo

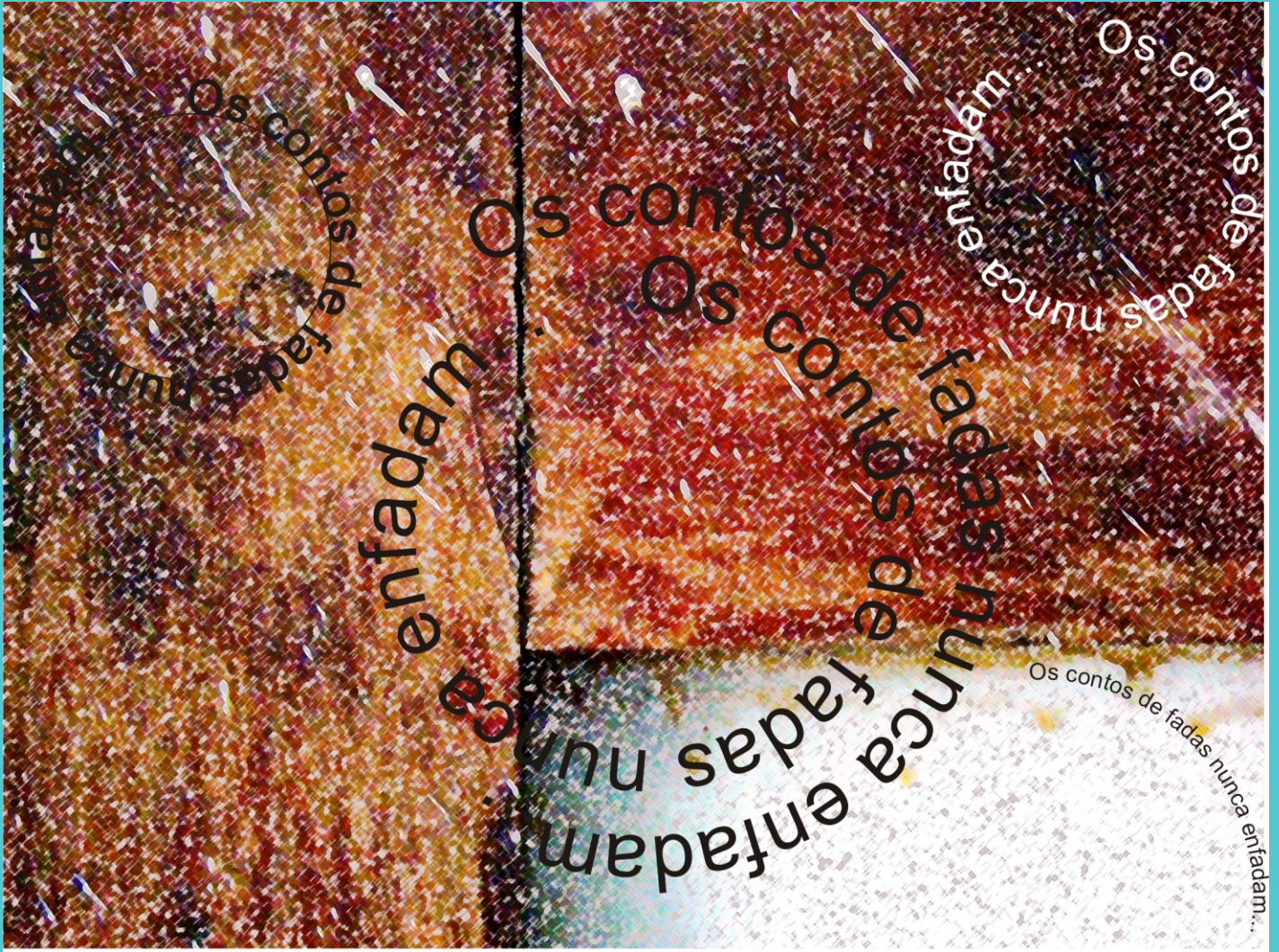


EDUFRN
Editora da UFRN

Eu olhava os livros quando, de repente, me deparei com Psilinha Cosmo de Caramelo. Ora, ora, pensei eu, por que esse nome tão intrigante em um livro? Trouxe o último exemplar para casa, li e gostei. Recomendo sua leitura para crianças e adultos de todas as idades, porque não é um livro comum, nele não reside uma menina normal. Psilinha é poeta, peralta, preciosa e um bocado de coisinhas mais que a gente vai descobrindo na leitura do livro. O mais intrigante que achei em Psilinha é quando ela diz “o mundo não conversa direito” eu acho que foi a partir dessa frase que ela levantou uma morada no meu coração para nunca mais sair dele, porque assim como Psilinha gostaria que o mundo voltasse a conversar direito e se tornar mais humano, com mais amor no coração. Psilinha, obrigada por me mostrar que não fico caladona sozinha, às vezes e que existe uma menina em algum lugar desse mundo que também chora embaixo do chuveiro além de mim.

Este é o último exemplar que comprei na livraria do Campus
Universitário, na UFRN.

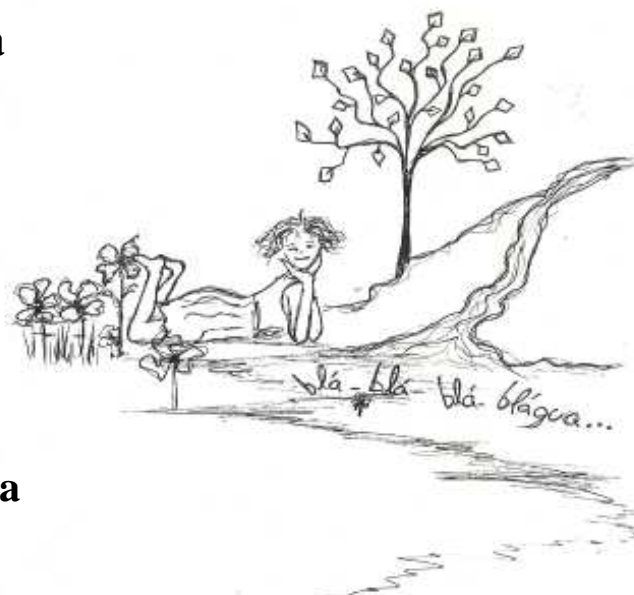
Rosângela Trajano



Nivaldete Ferreira

Nivaldete Ferreira

Norte-rio-grandense, artista plástica, poeta e escritora de livros para crianças fala para revista Barbante sobre literatura infantil



O que é literatura infantil para você?

Primeiro, obrigada pelo convite. Literatura infantil para mim tem que ser 'não infantil' no sentido negativo do termo... É a possibilidade de entrar num mundo mais aberto, mais livre das graves doenças da linguagem, comuns nos textos 'para adultos'. Mas literatura para crianças é tão séria quanto qualquer outra. Pelo menos deve ser...

O que um livro infantil deve ter para chamar a atenção da criança?

Acho que deve ter situações menos convencionais, abrir outras possibilidades, ser instigante, surpreender...

O que você acha dos contos de fadas?

Os contos de fadas nunca enfadam...

Qual sua opinião sobre a adaptação dos livros infantis para o cinema?

Isso é bom, em princípio. É outra mídia, uma mídia mais complexa. Mas há perdas também: não há o contato com o papel, o passar da

página, o toque, o manuseio, a intimidade que há com o livro: escolher, guardar, perder, procurar, emprestar, sentir essa companhia...

Você escreveu um lindo livro para crianças intitulado “Psilinha Cosmo de Caramelo”. Eu tive a oportunidade de comprar o último exemplar. Por onde anda Psilinha?

Ah, anda dormindo nos arquivos do computador... Boa pergunta, boa provocação! Assim, quem sabe, decido acordá-la... De repente me deu saudades dela...

Que prêmio Psilinha ganhou no ano de sua publicação?

Menção Especial em concurso da União Brasileira de Escritores-RJ. Mas a publicação, bastante precária, aconteceu depois.

A capa e as ilustrações de Psilinha são suas. Fale-me um pouco do que você acha das ilustrações no livro infantil.

Acho que as ilustrações não devem sobrepujar a narrativa. Há textos às vezes muito fracos, mas com ilustrações muito bonitas. Isso pode ser um engodo. Em Psilinha fiz eu mesma as ilustrações, de forma muito

despojada. Foi a urgência. Quero muito reeditar esse livro. Se conseguir, pretendo que as ilustrações sejam feitas por alguém mais ‘tarimbado’. Mas não abjuro o que fiz. Fiz e tá feito, como se diz.

Podemos esperar uma reedição de Psilinha?

Vou tentar, como falei. Tem gente esperando isso. Diva Cunha, por exemplo. E você, certamente!

Como surgiu Psilinha?

Psilinha ‘nasceu’ num momento difícil. Às vezes a vida nos põe pedras no caminho, então fazemos uma escolha: ficar lá, rasgando os pés e lamentando, ou saltar. Saltei. Saltei com Psilinha. Ela me puxou pela mão...

Você pretende publicar outros livros infantis?

Tenho vários textos prontos; falta encaminhar às editoras. Sou um bocado desligada, preciso me disciplinar nisso.

Qual sua opinião sobre a literatura infantil do Rio Grande do Norte?

Se comparar com o número de poetas, por ex., só posso dizer que é

muito pequeno o número de autores de literatura para crianças. O que salva é que há bons autores: Salizete, Bartolomeu, você, eu... rsss....

É fácil escrever para crianças?

Ihhh... Não! Decididamente não. Primeiro, é necessário se (re)investir da criança que existe lá no mais fundo da alma. Mas não basta ter isso preservado. É preciso escolher bem o que dizer e como dizer. Crianças são exigentes, não são pequenos adultos tolinhos.

Qual seu livro infantil predileto? Por quê?

A Chave do Tamanho, de Monteiro Lobato. Nesse livro, Emília se sensibiliza com o sofrimento trazido à humanidade pela Guerra Mundial (a 2ª.). Tenta desligar a chave da guerra; erra e desliga a chave do tamanho. Toda a humanidade se torna 40 vezes menor... Ela, inclusive, que fica com 2 cm de altura. Com esse tamanho, vence terríveis desafios, age como uma cientista, experimentando soluções para cada problema. Demonstra grande coragem moral, nunca desmorona. Lobato hibridiza muito bem fantasia e realidade aí - o que não é fácil.

Qual a missão do livro infantil para você?

“Missão” é um termo um tanto religioso... Mas se não dizemos assim, diremos “função” ou “papel”. Penso que o livro infantil deve divertir, fazer pensar. Principalmente descondicionar, pois para condicionar existem muitas máquinas: a própria sociedade com seus conceitos e preconceitos; a TV, a propaganda. Tudo isso amortece a singularidade da criança. O livro pode, sim, ser a grande saída, o antioxidante para esses estragos.

Como você vê o mercado editorial de livros infantis no Rio Grande do Norte?

E existe?...





"Se você não tem memória, não tem culpa nem gratidão. A memória é nosso maior patrimônio".

Bartolomeu Campos de Queirós
1944 - 2012

BARTOLOMEU,

COMO VOCÊ FAZ PRA
ESCREVER

HISTÓRIAS
DAS RINHAS
DAS DONITAS BEM

VOCÊ É MUITO LEGAL
UM BEIJO

PATRICK



Happy Birthday



Happy Birthday



1970

Meus livros infantis

Jean Sartief

Tenho duas histórias marcantes de livros infantis. A primeira realmente refere-se a minha primeira concepção de livro. Foi o primeiro contato com esse desejo da materialidade do livro. Não lembro a idade que eu tinha, mas lembro de estar no fusquinha de meu pai seguindo em direção aos correios para pegar meu livro. Sim, ele não veio de uma livraria. Não lembro, não sei se Natal tinha alguma livraria como concebemos hoje, mas o fato é que meu presente era uma coleção infantil. Provavelmente ela veio anunciada em algum encarte de revista. Ainda lembro que durante muito tempo os livros eram anunciados de forma publicitária dessa forma.

Pois bem, estava eu no fusquinha, no canto de trás do carro perto do vidro. Lembro de minha ansiedade que me tomava. Eu achava que era só um livro. Não tinha essa concepção de coleção, de vários livros em sequência e isso foi uma grande surpresa. Recordo de achar o máximo vários livros de uma vez.

Ainda no carro fui abrindo o pacote embrulhado em papel pardo. Quando vi aqueles 12 livros nem acreditei! Quanto livro!! Cada um dos fascículos tinha uma numeração e um título. Então, o número 1 era O livro do Eu; o número dois era O livro do eu e você e assim iam-se revelando universos incríveis!

Foi uma surpresa atrás da outra. Cada livro revelava-se um universo de imagens, texto, de um universo de imaginação que foi fundamental para o entender-me como artista. A partir daquelas ilustrações eu comecei a desenhar. Repeti-as, cobria-as, imaginava-as com meu traço. Foi assim que parte do meu destino artístico foi se formando. Acrescentado a isso estava o poder inventivo de minha mãe, mas isso é outra história.

Um segundo livro marcante se deu já em fase escolar. Chama-se As aventuras de Buscapé, da escritora infantil Giselda Laporta Nicolelis. O livro foi passado em sala de aula e verdadeiramente, apaixonado que sempre fui desde pequeno por animais, me encantei com as aventuras daquele vira-lata. Ao término do livro resolvi escrever para a autora com minhas dúvidas sobre Buscapé. E um belo dia, adivinhem? Uma carta da autora chegou à minha casa. Foi uma alegria e comoção na família. Mantive contato com a escritora durante um bom tempo. Ela até colocou o meu nome (Jean) como sendo o de um de seus personagens

e depois, face as mudanças da vida perdi esse contato.

Há alguns anos atrás, devido a semelhança com o nome, escrevi para o cientista Miguel Nicolelis e adivinhem? Sim, ele é filho dela. Vejam como a vida nos guarda surpresas. Fico demasiadamente feliz por saber que ele teve uma mãe tão criativa que certamente lhe contou inúmeras histórias e que possibilitou uma educação maravilhosa tornando-o esse brasileiro que tanto admiramos. Da mesma forma Giselda teve sua contribuição ao abrir as portas da imaginação para aquele garoto e mostrar-lhe um caminho a partir da literatura. Sou extremamente grato a essa escritora maravilhosa que tem dezenas de livros publicados e com certeza mexeu na imaginação de muitas outras crianças.

sartief@ig.com.br



Meus livros infantis



“O rei está nu.”

As roupas novas do imperador

Hans Christian Andersen

1875 - 2012

A Volta do Pequeno Príncipe

Rosângela,

Feliz Aniversário!

Em 18 de junho de alguns anos atrás voltava o Pequeno Príncipe para encantar o nosso mundo com as suas poesias. Receba novamente hoje as nossas boas-vindas a este planeta.

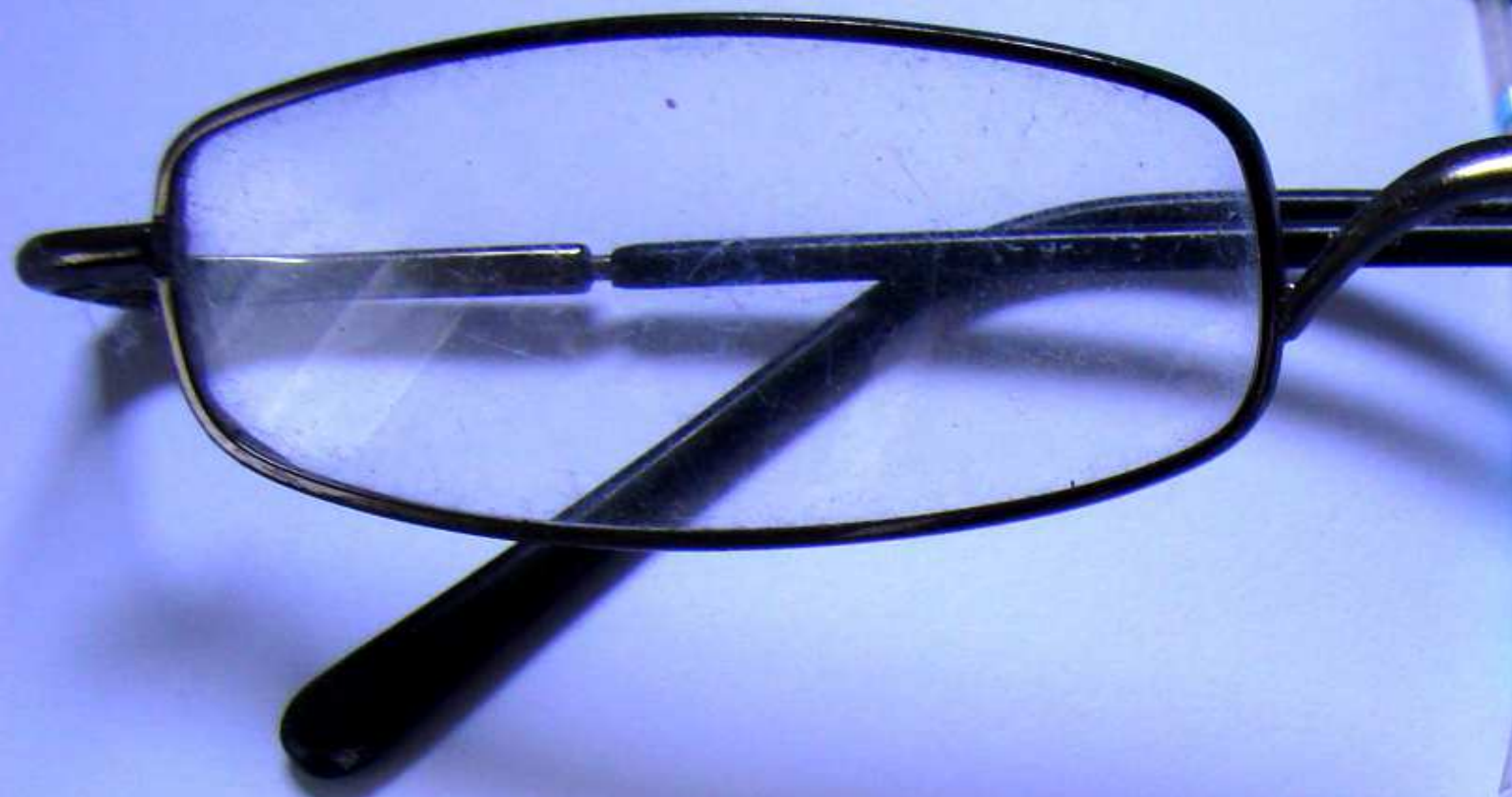
Abrços

da amiga

Leila.
junho/2003.

Leila, obrigada por amar meus escritos para crianças.

Rosângela Trajano



A leitura mais difícil do mundo é a dos livros infantis quando a gente fica grande.

Rosângela Trajano





